



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA**

KAIO CÉSAR PINHEIRO DA SILVA

AUTENTICIDADE NA VELHICE: UMA ANÁLISE DO CONTO *FELIZ ANIVERSÁRIO*, DE CLARICE LISPECTOR, SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HUMANISTA DE CARL ROGERS

**MONTEIRO – PB
2018**

KAIO CÉSAR PINHEIRO DA SILVA

AUTENTICIDADE NA VELHICE: UMA ANÁLISE DO CONTO *FELIZ ANIVERSÁRIO*, DE CLARICE LISPECTOR, SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HUMANISTA DE CARL ROGERS

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus VI, apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciatura do curso de Letras/ Língua Espanhola sob a Orientação Prof.^a Esp.^a Maria da Conceição Almeida Teixeira.

**MONTEIRO – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Kaio César Pinheiro da.
Autenticidade na velhice [manuscrito] : uma análise do conto Feliz Aniversário, de Clarice Lispector, sob a perspectiva da psicologia humanista de Carl Rogers / Kaio Cesar Pinheiro da Silva. - 2018.

55 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Profa. Esp. Maria da Conceição Almeida Teixeira, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Psicologia humanista. 2. Clarice Lispector. 3. Carl Rogers. 4. Feliz Aniversário (Conto). 5. Terceira Idade.

21. ed. CDD 155.67

KAIO CÉSAR PINHEIRO DA SILVA

AUTENTICIDADE NA VELHICE: UMA ANÁLISE DO CONTO *FELIZ ANIVERSÁRIO*, DE CLARICE LISPECTOR, SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HUMANISTA DE CARL ROGERS.

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus VI, apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciatura do curso de Letras/ Língua Espanhola sob a Orientação Prof.^a Esp.^a Maria da Conceição Almeida Teixeira.

Aprovada em 13 de Junho 2018.

BANCA EXAMINADORA

M^a da Conceição A. Teixeira
Prof.^a Esp.^a Maria da Conceição Almeida Teixeira
Orientadora

Joana Dar'k Costa
Prof.^a Ma. Joana Dar'k Costa
Examinadora - UEPB

Cristiane A. S. Correia
Prof.^a Dr.^a Cristiane Agnes Stolet Correia
Examinadora - UEPB

Dedico este trabalho aos meus pais, a todos os idosos, em especial a minha falecida avó Antônia Tomaz da Silva, por ter sido uma mulher autêntica, e se assemelha tanto pela idade quanto pelo caráter da protagonista da obra analisada, que me inspirou na realização deste trabalho, como também na busca por ser uma pessoa melhor, autêntica, verdadeira.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos se estendem a todos os que participaram direta e indiretamente nessa trajetória de muita luta, sofrimento, angústias, assim como de muito amor e carinho por todos que fizeram e fazem parte desse momento tão importante para a vida de um universitário. E com esse pensamento venho agradecer primeiramente a Deus, por me dar a força necessária para continuar lutando em meio a tantas dificuldades, aos meus familiares que estiveram e estão comigo, vivenciando todo o trabalho árduo durante todo o período de formação.

Em especial, agradeço ao dom da vida concedido a Deus em conjunto com meus pais, Maria José e José Paulo que lutaram para me possibilitar condições necessárias para ter acesso a um ensino de qualidade a fim de que pudesse me tornar uma pessoa melhor, mais humana, me ensinando os valores da vida.

Agradeço especialmente aos professores que fizeram parte dessa trajetória de muito esforço e aprendizado na formação inicial de um professor de Língua Espanhola.

Agradeço também a professora Cristiane Agnes Stolet Correia por compor a banca examinadora juntamente com a minha professora orientadora, Maria da Conceição Almeida Teixeira e a professora Joana Dar'k Costa, pelos ensinamentos, esforço e muita paciência em persistir comigo nessa luta por concluir esse ciclo de minha vida acadêmica.

Faço uma menção especial, as amigas que conquistei nesse período de graduação. Amigas puras, verdadeiras que, independentemente de estarem próximas ou não, as levarei comigo para onde eu for, agradeço por todo o amor e carinho, envoltos nesse presente divino chamado amizade. Meu mais sincero agradecimento a Elis Regina, Irian Karla e Raquel Espínola, por serem essas pessoas incríveis, que estiveram e sei que estarão ao meu lado em todos os momentos de felicidade, tristeza, angústia, aflição. Saibam que as amo e as levarei comigo por toda uma vida e além.

Quero agradecer a todos os meus alunos que estiveram comigo nessa trajetória de aprendizado a docência, que mais aprendi do que ensinei, me ajudando a ser um professor melhor a cada dia. Jovens que me proporcionaram uma experiência docente significativa para minha constante formação enquanto professor. A todos os que passaram pela minha vida deixando ensinamentos e aos que ainda hoje estão nessa busca conjunta pelo aprendizado, obrigado!

Por fim, quero agradecer enormemente aos meus avós, em especial a minha avó já falecida, Antônia Tomaz da Silva (*in memoriam*), que esteve e estará sempre presente em minha vida, por meio de lembranças e dos seus ensinamentos. Agradeço por ter sido essa pessoa tão incrível, que viveu sua vida de forma verdadeira, consciente dos obstáculos. Sempre te amarei, dona Antônia!

Amanheci em cólera. Não, não, o mundo não me agrada. A maioria das pessoas estão mortas e não sabem, ou estão vivas com charlatanismo. E o amor, em vez de dar, exige. E quem gosta de nós quer que sejamos alguma coisa de que eles precisam. Mentir dá remorso. E não mentir é um dom que o mundo não merece...

Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tecer uma análise do conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector sob a perspectiva da Psicologia Humanista de Carl Rogers, norteadas pelos conceitos de congruência e incongruência, destacando a velhice como condição que favorece mais sensibilidade ao indivíduo em relação à autenticidade. Observamos as relações familiares de dona Anita, em sua festa comemorativa aos oitenta e nove anos, demonstrando os sentimentos de solidão e abandono vivenciado pela protagonista, que a leva a manifestar sua autenticidade. Para Rogers, o bem-estar e a evolução psicológica do ser humano seriam facilitados se as pessoas atingissem um nível de congruência (autenticidade) consigo mesmo e na relação com os outros. No conto *Feliz Aniversário*, Clarice Lispector constrói uma trama em que revela o posicionamento das personagens, em especial de dona Anita, em meio a uma situação familiar, na qual observamos fortes traços de incongruência, com relação ao comportamento dos integrantes da família da aniversariante. A partir disso, é possível tecer uma reflexão a respeito das relações humanas mediadas pela aparência e a hipocrisia. Clarice Lispector instiga-nos a pensar que muitas vezes agimos contra a nossa vontade, sucumbindo o desejo em prol das obrigações e satisfações sociais. Dona Anita, a protagonista, nos mostra, por meio de seus pensamentos e atitudes que é possível ser autêntico em qualquer fase da vida, mostrando-nos, juntamente com as colocações rogerianas, que o envelhecer é mais que um sinônimo de degeneração física, é um movimento à complexidade do organismo, buscando a autorrealização de ser fiel a si mesmo, de ser autêntico.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Humanista. Velhice. Autenticidade.

RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo tejer un análisis del cuento *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector bajo una perspectiva de la Psicología Humanista de Carl Rogers, guiada por los conceptos de congruencia e incongruencia, destacando la vejez como condición que favorece más sensibilidad al individuo en relación a autenticidad. Observamos las relaciones familiares de doña Anita en su fiesta conmemorativa a los ochenta y nueve años, demostrando los sentimientos de soledad y abandono vivido por la protagonista, que la lleva a manifestar su autenticidad. Para Rogers, el bienestar y la evolución psicológica del ser humano serían facilitados si las personas alcanzasen un nivel de congruencia (autenticidad) consigo misma y en relación a los demás. En el cuento *Feliz Aniversário*, Clarice Lispector construye una narración en que el posicionamiento de los personajes, en especial de doña Anita, en medio a una situación familiar, en la que se puede observar fuertes rasgos de incongruencia, con relación al comportamiento de los invitados y familiares de la cumpleañera. Con eso, es posible tejer una reflexión a respecto de las relaciones humanas mediadas por la apariencia y la hipocresía. Clarice Lispector nos lleva a pensar que por muchas veces actuamos contra nuestra voluntad, nos dejamos llevar por el deseo de las obligaciones y satisfacciones sociales. Doña Anita, la protagonista, nos muestra, por medio de sus pensamientos y actitudes que es posible ser auténtico en cualquier fase de la vida, mostrándonos, juntamente con las contribuciones rogerianas, que el envejecer es más que un sinónimo de degeneración física, es un movimiento a la complejidad del organismo, buscando la autorrealización de ser fiel a sí mismo, de ser auténtico.

PALABRAS-CLAVE: Psicología Humanista. Vejez. Autenticidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I.....	13
A PSICOLOGIA HUMANISTA E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA, DE CARL ROGERS.....	13
1.1 Origens do humanismo na psicologia	13
1.2 Carl Rogers: Uma Perspectiva Humanística	14
1.3 Tendência Formativa: desenvolvimento, evolução e crescimento.....	16
1.4 Tendência Atualizante: a energia da VIDA	19
1.5 Self e o O Self Ideal: entre a realização e a idealização do eu	20
1.6 Os Princípios de Congruência e Incongruência.....	22
1.7 Quebrando os tabus sobre a velhice: crescer envelhecendo ou envelhecer crescendo	24
1.8 Reflexões sobre a morte ou sobre a velhice?	28
CAPÍTULO II.....	31
AAUTENTICIDADE NA TERCEIRA IDADE: A INSATISFAÇÃO DE DONA ANITA	31
2.0 A autora e a obra	31
2.1 Congruência na velhice	34
2.2 A autenticidade de dona Anita	36
2.3 A incongruência na comunicação de José e Manoel.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação familiar presente no conto *Feliz Aniversário*, de Clarice Lispector, sob o olhar da Psicologia Humanista de Carl Rogers. A partir do que pretendemos mostrar como os conceitos de congruência e incongruência se manifestam no comportamento das personagens, com destaque a protagonista, uma idosa de oitenta e nove anos.

Este conto de Clarice Lispector é marcado por diversos traços realistas, apesar de ficcional, na medida em que a narrativa apresenta a viagem subjetiva da personagem idosa, dona Anita, ao vivenciar o sentimento de solidão e desamparo em meio à comemoração de seu aniversário. Sendo invadida pelos sentimentos de rancor, raiva, insatisfação, frustração e sensações negativas que desencadeiam sucessivas demonstrações de autenticidade. Mãe de sete filhos, contando com seis, já que o único que aprovava, que tinha mais afinidade, de acordo com a narrativa, havia morrido. Morava com sua única filha desde então, passando a ter pouco contato com os demais familiares, limitado apenas em datas como essa, seu aniversário.

Por meio dessa narrativa, pretendemos marcar os principais acontecimentos dessa ‘reunião familiar’ em torno da aniversariante com o intuito de demonstrar os aspectos ligados à velhice, assim como pretendemos enfatizar os aspectos relacionados à congruência que parecem se revelar com mais clareza nas atitudes da aniversariante no decorrer de sua festa de aniversário, a partir de suas expressões corporais, gestuais e até mesmo por meio de pensamentos, em seu universo subjetivo. Características que marcam a produção de Clarice Lispector.

Haia Lispector, mais conhecida como Clarice Lispector, nasceu em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, na Ucrânia, terceira filha de Pinkouss e Mania Lispector. O casal que veio para o Brasil com sua família como refugiados devido às perseguições ocorridas naquele período, marcado pela guerra civil que aconteceu na Ucrânia após o término da Primeira Guerra Mundial, assim como as Revoluções Russas ocorridas em 1917 (GOTLIB, 2011).

Chegaram ao Brasil em 1922, passando a viver em Maceió, em seguida a família se muda para Recife, Pernambuco. Clarice Lispector, anos depois inicia seus estudos, mesmo em meio às dificuldades financeiras da família. Naturalizada brasileira, inicia sua trajetória literária, não profissionalmente, nos meados de 1931 quando já escrevia historinhas. Forma-se em Direito e, em seguida, se casa com um colega de turma, e antes de sua formatura a autora

já tinha começado a escrever seus primeiros contos, entrando ativamente no campo da literatura. Anos depois se tornaria uma das maiores escritoras brasileiras.

Lispector apresenta uma caracterização única em suas criações ficcionais, marcando uma singularidade em suas inovações linguísticas, e mesmo com tais características apresenta uma linguagem acessível ao público, atendendo aos diversos tipos de leitores. Sua produção literária apresenta pontos marcantes propiciando a reflexão ao leitor sobre os modos de viver, ser e agir, além de fazer referências a situações sociais, tipificando a sociedade de determinado momento histórico e, com um aspecto fechado, marca a participação feminina na literatura. Essa ucraniana foi ganhando maior destaque a partir de suas produções de cunho crítico, apresentando personagens atravessadas por dramas existenciais e conflitos psicológicos.

Clarice Lispector morreu aos 57 anos de idade, vitimada por um câncer de ovário, no dia 09 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro. Deixando-nos um vasto acervo de produção literária, dentre sua obra podemos destacar, o romance *Perto do Coração Selvagem*, *Laços de Família*, livro de contos, em que o conto *Feliz Aniversário* está inserido, *A Paixão Segundo G.H.*, *A Hora da Estrela* e *Um Sopro de Vida*, sendo obras que marcaram sua produção literária.

Desta forma, buscamos construir uma análise que promova uma reflexão a respeito dos conceitos de congruência e incongruência, a partir do conto *Feliz Aniversário*, fazendo com que se possa levar ao leitor tanto do conto, quanto deste trabalho, a pensar a respeito da congruência e como ela se mostra mais visível na velhice. O conceito de congruência, trabalhado na psicologia humanista de Carl Rogers, se caracteriza como o mais alto grau de precisão entre a experiência da comunicação e a camada de consciência, ou seja, o estabelecimento da relação entre o que se diz e o que se pensa, entre o agir e pensar, em outros termos, o ser verdadeiro.

A Psicologia Humanista tem sido utilizada em vários campos de estudo: na área educacional, nas relações de trabalho, saúde e, cabe aqui destacar também, o campo literário. A literatura tem sido um campo fértil de análise das questões do ser humano, e nesse trabalho especificamente, destacamos a produção de Clarice Lispector que, por abordar os dilemas existenciais dos seres humanos, tem possibilitado a intensificação de trabalhos acadêmicos relacionando Psicologia e Literatura.

O presente trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro, fazemos uma apresentação dos principais conceitos, aspectos da Psicologia Humanista de Carl Rogers, os quais fundamentam sua abordagem centrada na pessoa, que servirá como embasamento para a

construção da análise apresentada. Nessa análise tomamos por base os conceitos de congruência e incongruência de Carl Rogers, com os quais podemos observar e refletir acerca da relação da personagem idosa, dona Anita, com os outros e com ela mesma.

No segundo capítulo, apresentamos uma análise do conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector sob a perspectiva da Psicologia Humanista de Carl Rogers, exposta no capítulo primeiro. Analisando a construção narrativa da autora em torno da senhora de oitenta e nove anos que vive o drama de presenciar a hipocrisia dos participantes da sua festa de aniversário, gerando insatisfação e inquietação por parte da aniversariante a observar o comportamento dos convidados. Encaminhando-a para uma viagem no mais profundo do seu íntimo referente aquela situação vivida.

CAPÍTULO I

A PSICOLOGIA HUMANISTA E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA, DE CARL ROGERS.

1 ORIGENS DO HUMANISMO NA PSICOLOGIA

Opensamento humanista surgiu por volta do século XV, XVI, tendo por foco o homem como centro de seus estudos, centro de suas preocupações, que caracterizaria uma corrente na psicologia que passa a ter uma visão mais positiva do homem. Marcando assim o surgimento do pensamento antropocêntrico, corrente humanista que consiste em colocar no centro de toda e qualquer pesquisa o ser humano, em oposição ao teocentrismo, corrente de pensamento que colocava Deus como centro de tudo, única e essencial explicação para todos os acontecimentos que prevalecia. Norteadando o pensamento artístico da época.

O surgimento do Humanismo ganha maior destaque na Europa, período que corresponderia a meados da Idade média. Trazendo uma abordagem focalizada no homem como responsável pela própria transformação, levando em consideração que o processo de crescimento e mudança só se dá através da interação com o outro. Caracterizando naquela época uma nova visão a respeito do homem, observando-o como objeto de suas ações, como produto e consequência. “[...] O homem é corpo tanto quanto alma, e é como um todo que ele tem que ser cuidado. Virtude é o desenvolvimento das potencialidades humanas, e não algo acrescentado de fora” (AMATUZZI, 2008, p. 13).

A corrente humanista desenvolveu-se no decorrer das décadas posteriores, marcando uma visão na qual o homem é posto como principal objeto de estudo, como também responsável pelo próprio desenvolvimento. Através dessa evolução no pensamento humano, observamos o surgimento do positivismo no final do século XVIII e XIX, que passa a valorizar a visão científica como forma comprobatória das causas e efeitos dos acontecimentos sociais. Esse período, que corresponde ao surgimento do humanismo e do positivismo, serviu como influência para a apropriação do pensamento humanista na psicologia, valendo-se do método para se chegar ao entendimento, uma mescla de pensamentos que tornaria a psicologia humanista, de fato, uma terceira via nos estudos psicológicos.

Nesse contexto, a Psicologia, enquanto ciência, se identificou com esse pensamento humanístico criando uma terceira via nos estudos psicológicos, na época guiada pelas

correntes Behaviorista e Psicanalítica. Essas correntes psicológicas, segundo o humanismo, não levavam em consideração o lado positivo do homem, que por sua vez pode ser bom, que apresenta uma força natural, boa, que o impulsiona ao desenvolvimento, ao crescimento. Ganhando espaço entre as correntes existentes, essa visão antropocêntrica veio em consequência da descrença das possibilidades filosóficas, assim como das abordagens tecidas pelas correntes psicológicas da época, como expõe AmatuZZi (2008)

[...] psicologia humanista surgiu como uma reação, a partir da insatisfação sentida face aos dois conjuntos teóricos mais importantes em psicologia: o behaviorismo e a psicanálise; bem como face a uma descrença nas possibilidades da filosofia. Não tratava de negar as descobertas feitas no behaviorismo e na psicanálise, mas de um sentimento de que eles, permanecendo em suas perspectivas originais, não traziam respostas de que se precisava: o ser humano com seus questionamentos atuais não estava lá, por mais válidas que fossem as explicações aí dadas (AMATUZZI, 2008, p. 17).

O movimento humanista na Psicologia vem contestando a necessidade de respostas, colocando o homem como centro de seus estudos, enquanto ser em sua totalidade, único e virtuoso, não observando apenas seu lado negativo, destrutivo, suas psicoses, transtornos, mas seu lado positivo, produtivo, que tende ao desenvolvimento. Essas preocupações eram o que validavam a necessidade buscada pelo homem da época.

Seu surgimento na América se deu por volta de sessenta anos atrás, em meio a um período bem conflituoso, em clima da guerra do Vietnã, na qual houve uma insatisfação referente às explicações fornecidas aos acontecimentos da época. Surgiu, então, como uma via alternativa a fim de fornecer explicações, a entender o homem.

Como veremos na abordagem feita por Carl Rogers, considerado o pai da Psicologia Humanista, que fundamenta seus estudos em uma abordagem centrada no cliente, a princípio, logo mais sendo atualizada para uma abordagem centrada na pessoa, visto que sua abordagem assumiu uma área mais ampla do que imaginava, ganhando destaque em âmbito mundial e englobando várias esferas, como a educação, literatura e entre outras.

1.1 CARL ROGERS: UMA PERSPECTIVA HUMANÍSTICA

Carl Ransom Rogers, quarto filho de Walter A. Rogers e Julia M. Cushing, nascido em Oak Park, Illinois, nos Estados Unidos da América em 1902, veio de uma família bem estruturada, firmada em bases conservadoras e tradicionais de uma formação cristã protestante, em que seus pais se preocupavam bastante na construção moral de seus filhos, ou

seja, uma criação baseada na conduta religiosa. Aos doze anos se mudaram para a zona rural, a fim de afastar as crianças das más influências da cidade, passaram a viver distante de onde moravam.

Através do contato com a natureza eo campo, Carl Rogers decide seguir seus estudos na área agrária, ingressando no Curso de Agronomia. No decorrer de sua formação percebe que não está feliz nessa área, desiste da agronomia e por influências religiosas dos pais, ingressa e conclui o curso de História. Passa por um momento conturbado com relação ao questionamento de suas verdades, levando-o a frequentar o curso de psicologia clínica e psicopedagogia.

Mergulhando profundamente no universo de conhecimento da Psicologia, Rogers tem como aliado nesse processo, os conhecimentos produzidos no decorrer de suas vivências e experiências pessoais. Foi nessa perspectiva que elaborou uma nova concepção de desenvolvimento da personalidade humana, na qual o ser humano é visto como um ser com potencialidades, capaz de transformar a si mesmo e o meio em que vive. Com sua visão positiva e humana sobre o ser humano, foi deveras criticado tendo suas ideias consideradas utópicas e românticas demais. Rogers liderou várias pesquisas e sua nova abordagem, que denominou de centrada na pessoa, marcaria a história dos estudos terapêuticos.

Tornou-se professor de Psicologia na Universidade de Chicago, assim como secretário executivo do Centro de Aconselhamento Terapêutico, onde desenvolveu o método de terapia que revolucionaria a forma de ver o mundo, o outro, como a si mesmo. Assumindo logo posteriormente a vaga de professor na Universidade em que se formou, Wisconsin, onde realizou diversas pesquisas com pacientes esquizofrênicos consolidando e aprimorando sua abordagem centrada no cliente¹.

Casou-se com a jovem Helen e como fruto desse casamento tiveram dois filhos. Levando-o a um aperfeiçoamento de sua sensibilidade de ver o outro. Aprendendo incessantemente na convivência diária com sua família e, desta forma, se tornava mais sensível, humano e mais empático com seus clientes.

Viajou pelo mundo realizando inúmeros *workshops* com um grupo de pesquisa, composto por amigos e companheiros. Tratava-se de um trabalho conjunto, uma espécie de terapia em grupal, onde segundo ele, mais aprendia do que ensinava, levando esse conhecimento a uma extensa área de atuação, abrangendo diversas áreas sociais.

¹Termo utilizado por Rogers (1983) para designar a responsabilidade do indivíduo pela condução, assim como o sucesso do tratamento, ele como sujeito responsável pelo crescimento pessoal. O terapeuta recebe o papel de facilitador, intermediador, orientador. Posteriormente esse termo é substituído por pessoa devido à abrangência de sua abordagem, aplicável a diversas áreas e instâncias sociais.

Foi eleito presidente da *Associação Americana de Psicologia*, cargo que lhe rendeu inúmeros prêmios entre eles destacamos: *Melhor Contribuição Científica* e de *Melhor Profissional*. Rogers, com sua enorme contribuição tanto para o meio social como acadêmico, deixa-nos um enorme legado em relação ao universo da subjetividade humana, de forma que sua abordagem é bastante utilizada em estudos nos dias atuais.

Neste sentido, sua Psicologia Humanista se destaca como uma abordagem que transcende as barreiras do tempo, não se deixando envelhecer. Carl Rogers faleceu em San Diego, Califórnia, Estados Unidos, no dia 4 de fevereiro de 1987, mas sua obra tornou-se imortal e suas ideias permanecem bem atuais e continuam sendo utilizadas em pesquisas acadêmicas, *workshops*, consultórios de psicoterapia e na área educacional.

1.2 TENDÊNCIA FORMATIVA: DESENVOLVIMENTO, EVOLUÇÃO E CRESCIMENTO

A tendência formativa refere-se às características ligadas ao desenvolvimento e crescimento do universo como um todo. Rogers (1983) defendia que esta tendência é facilmente observada em qualquer nível do universo e que toda forma que vemos ou conhecemos surgiu de uma outra mais simples, menos complexa. Este fenômeno é, no mínimo, tão significativo quanto a *entropia*². Ou seja, de acordo com Rogers (1983) essa tendência está baseada no movimento natural, universal que leva o organismo não somente a desordem, a degeneração, mas como um movimento constante tanto entrópico quanto sintrópico do organismo, do ser vivo que acompanha o crescimento e degeneração como características indissociáveis.

O caráter humanístico da obra de Rogers traz um aspecto importante sobre a tendência formativa, sendo ela uma característica nata, a qual não é tratada pelas demais correntes, sendo ignorada. Segundo Rogers, “parece existir no universo uma tendência formativa que pode ser observada em qualquer nível. Essa tendência vem recebendo muito menos atenção do que merece” (ROGERS, 1983, p. 44).

O processo formativo se caracteriza por ser um processo natural que impulsiona o organismo ao crescimento, ao desenvolvimento, um movimento que o leva à complexidade,

²Termo físico que tem como característica o estudo de que o universo, assim como os organismos apresentam uma tendência ligada a deterioração, ou seja, a uma desordem onde a mesma levará à incompreensão desse movimento a destruição. (MAURÍCIO. As Leis de Entropia e Sintropia. Disponível em: <<http://www.agsaw.com.br/tema38.htm>>. Acessado em 06 de mai de 2018).

chamado por Szent-Gyorgui de “sintropia³” e por Whyte de “tendência mórfica” “[...] a tendência sempre atuante em direção a uma ordem crescente e uma complexidade inter-relacionada, visível tanto no nível inorgânico quanto no orgânico. O universo está em constante construção e criação, assim como em deterioração. Este processo também é evidente no ser humano” (ROGERS, 1983, p. 45). Movimento esse que não é levado em consideração pelas demais correntes psicológicas, tornando um grande diferencial da Psicologia Humanista.

Já a “entropia” se caracteriza por ser um movimento que vai em direção à desordem, degeneração, deterioração. Como aborda Rogers (1983)

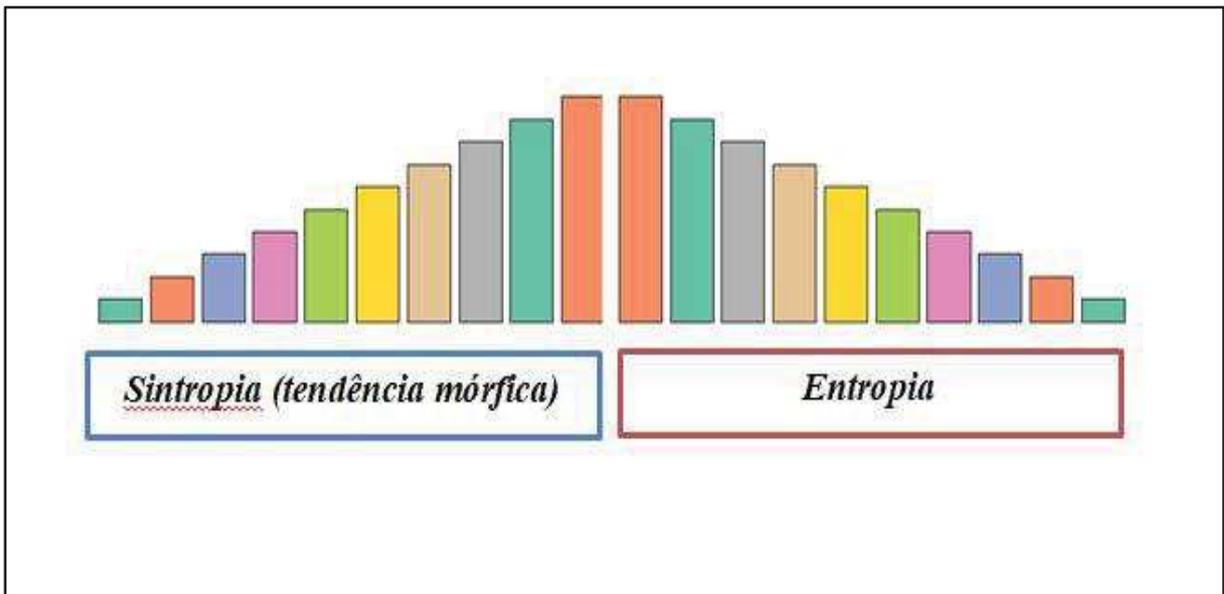
[...] os físicos têm focalizado principalmente a “entropia”, a tendência para a deterioração ou desordem. [...] § Do mesmo modo, conhecemos bem a deterioração na vida orgânica. O sistema – seja ele uma planta, um animal ou um homem – degenera-se com o passar do tempo, passando por graus de organização funcional ou desordem cada vez menores, até o momento em que a decadência atinge um estado de êxtase. De certa maneira, nisso se resume todo o aspecto da Medicina – no estudo do mal funcionamento ou degeneração de um órgão ou de todo o organismo. A compreensão do complexo processo da morte física é cada vez maior (ROGERS, 1983, p. 44).

Os conceitos aqui trabalhados sobre a entropia, não nos deixa levar em consideração apenas essas características negativas, como sendo um movimento natural à degeneração, caminho que leva a morte física. Mas como um movimento que impulsiona o organismo a complexidade, ao desenvolvimento, sintropia, um movimento que impulsiona o organismo ao desenvolvimento, à complexidade.

Na Psicologia Humanista de Rogers, no que se refere à capacidade do homem ao crescimento, se caracteriza a tendência formativa, como sendo uma característica natural, universal, uma tendência ao desenvolvimento, à complexidade, que mostra toda a complexidade do indivíduo desde seu movimento ao crescimento, sintropia, quanto seu movimento a desordem, entropia. Para melhor compreender a relação entre os termos mencionados anteriormente: entropia e sintropia, observe a representação a seguir:

³ “[...] Fenômeno das oitavas nos leva ao dinamismo à ordem, à operosidade, a cosmificação, à beleza, à cidadania, etc [...]”. (MAURÍCIO. As Leis de Entropia e Sintropia. Disponível em: <<http://www.agsaw.com.br/tema38.htm>>. Acessado em 06 de mai de 2018).

Gráfico 1 – Sintropia ↔ Entropia: Um movimento dinâmico.



Fonte: SILVA, Kaio César Pinheiro da.

O presente gráfico sugere um movimento de crescimento representado pela sintropia, que consiste no desenvolvimento do organismo do mais simples até a complexidade, não significa dizer que esse movimento, que levará à complexidade, irá parar e dar início ao movimento de deterioração, representado pela entropia, o que leva o organismo a desordem a degeneração, ou, que haja uma divisão entre sintropia e entropia durante o desenvolvimento do indivíduo, apenas representamos a ideia demonstrada em cada qual desses movimentos naturais, universais.

Tal demonstração é de cunho representativo para que possamos entender a tendência formativa, sendo ambos os movimentos, tanto de degeneração quanto o de crescimento, dinâmicos e que se relacionam. Representando assim a tendência formativa, como esse movimento ao crescimento, à complexidade.

[...] a tendência formativa, [...] importante, e que pode ser igualmente observada em qualquer nível do universo, é muito menos reconhecida e ressaltada. Afinal de contas, toda forma que vemos ou conhecemos surgiu de uma outra mais simples, menos complexa. Este fenômeno é, no mínimo, tão significativo quanto a entropia (ROGERS, 1983, p. 44-45).

Observamos, no entanto, a característica ligada à entropia, como já mencionado, um termo de estudo físico que explica a tendência do universo, a desordem, a degeneração, deterioração. Rogers (1983) traz que

[...] a tendência universal de todo sistema a se degenerar em direção a um estado cada vez mais desordenado, cada vez mais caótico. O funcionamento deste sistema é como uma rua de mão única: o mundo é visto como uma grande máquina, que vai reduzindo a marcha e se desgastando (ROGERS, 1983, p. 44).

O que podemos notar visivelmente na velhice em que há uma degeneração física, comum a todos, um movimento natural, universal, mas que não bastaria para trazer sua principal colocação sobre a formação, à complexidade. Teríamos que levar em consideração um estado mais complexo, também presente como principal característica do universo. Ressaltamos que o movimento de entropia não está presente somente na velhice, está presente em todas as fases da vida, no que se refere ao caos, assim como a sintropia como um movimento que leva ao crescimento, que também está presente em todas as fases da vida, independentemente da idade.

No entanto, essa forma “universal” do organismo tende ao caos inevitável quanto a tendência à desordem e não se distancia do movimento que impulsiona o indivíduo a complexidade, sintropia, trazido por Rogers (1983) como sendo um processo gradual e evolutivo, que pode ser mais preciso do que pensamos, e nem sempre tão desordenado quanto imaginamos. Sendo, no entanto, um conceito que se relaciona com os demais conceitos trabalhados na abordagem humanista de Rogers, que se relaciona com a tendência atualizante, agindo como um mecanismo de defesa do ser humano caminho à realização.

1.3 TENDÊNCIA ATUALIZANTE: A ENERGIA DA VIDA

Na abordagem centrada na pessoa, a tendência atualizante, assume uma significativa importância, sendo um processo revolucionário para o período que sucede a década de 40, veio proporcionar a liberdade para que o cliente possa interpretar e dar significação a sua própria experiência, requerendo um movimento de aceitação como caminho a autorrealização.

O posicionamento sobre a abordagem centrada na pessoa expõe não somente a característica nata existente no organismo, que nos leva ao desenvolvimento, ao ápice da complexidade, tendência formativa, como já vimos, mas também como um movimento de cunho inconsciente, que nos impulsiona a busca pela sobrevivência, independente de qual seja a forma para alcançar tal objetivo.

Referente à tendência atualizante que se caracteriza por ser um movimento natural que impulsiona o organismo ao desenvolvimento, “[...] todo organismo é movido por uma tendência inerente a desenvolver todas as suas potencialidades e a desenvolvê-las de maneira

a favorecer sua conservação e enriquecimento [...]”(ROGERS; KINGET, 1983^{apud} GOBBI; MISSEL, 1998, p. 144).Nesse sentido, os autores abordam que o movimento em direção à autorrealização, crescimento em prol da sobrevivência, se caracteriza de forma distinta em cada indivíduo como uma busca a se atualizar de acordo com sua experiência.

A partir do conceito de auto atualização, Rogers defende que o sujeito naturalmente busca o crescimento e a realização em todas as dimensões da vida. Há uma energia, espécie de pulsão, que impulsiona ao crescimento e desenvolvimento, conceito esse chamado de tendência atualizante. Segundo a declaração feita por Rogers à revista *Veja*(número 441, 1977), o ser humano tem por natureza uma energia nata que o leva ao desenvolvimento, ou seja, ao crescimento pessoal.

Para reforçar sua análise, Rogers observou, utilizando como exemplo uma batata, que mesmo em um ambiente fechado com pouca presença de luz, tende a brotar, isso sem nenhuma condição favorável a seu crescimento. Assim como a batata, o ser humano, mesmo em situações e ambientes os quais não proporcionam condições favoráveis ao seu desenvolvimento, há um movimento que o leva ao crescimento, independente das condições externas. Utilizando como exemplificação, Rogers mencionou o caso dos delinquentes e os doentes mentais, os quais utilizam de formas, meios para alcançar o próprio desenvolvimento, mesmo que esses meios não sejam considerados “normais” em questões sociais.

A tendência à realização ou tendência atualizante, pode ser entendida como sendo uma capacidade inerente a todo organismo para desenvolver-se, de modo a favorecer sua conservação, reprodução e crescimento. Essa característica serve como suporte aos demais conceitos trabalhados por Rogers, tais como o *self* e o *self ideal*.

1.4 SELF E O O SELF IDEAL: ENTRE A REALIDADE E A IDEALIZAÇÃO DO EU

O conceito elaborado por Rogers (1983) sobre o *self* se relaciona a um caráter especificamente ligado ao auto conhecimento, a auto imagem que o sujeito cria sobre ele mesmo. Essa auto imagem, no entanto, é processual, mutável e flexível, e vai sendo construída de acordo com a experiência vivida. O *self* não diz respeito a um recorte de uma visão de si próprio em determinada experiência, mas da construção do que pode levar o indivíduo a concluir o que seria o seu eu, passível de mudanças e transformações.

Segundo Gergen (1997 ^{apud} MAIA; GERMANO & MOURA JR., 2009), em um artigo publicado na revista online *P@Psic: Periódicos Eletrônicos em Psicologia*, intitulado: “Um

diálogo sobre o conceito *deself* entre a abordagem centrada na pessoa e psicologia narrativa”. O conceito de *self* vem sendo abordado em diversas vertentes, que

Apresentamo-nos aos demais como identidades singulares, unitárias, íntegras; mas com a saturação social, cada um de nós abriga uma vasta população de possibilidades ocultas: ser um cantor de blues, uma cigana, um aristocrata, um criminoso. Todos estes eus permanecem latentes e em condições adequadas surgirão para a vida. (Rev. NUFEN, vol.1, no.2, São Paulo, nov.2009, p. 103).

Assumindo uma característica singular, determinante de cada experiência apresentando uma vasta possibilidade de reconhecimento. Posso trazer como exemplo, a minha própria auto imagem multifacetada pelas diversas experiências vivenciadas no atual contexto de vida: o eu professor, o eu estudante de letras espanhol, o eu aluno depressivo com a escrita do trabalho de conclusão de curso e entre outras possibilidades.

Concomitante ao trabalho realizado pelos alunos de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, que trazem consigo estudo sobre a psicologia rogeriana, como outros pesquisadores terapeutas trazem sobre o *self*, em que segundo Rogers e Kinget (1977 *apud* MAIA; GERMANO & MOURA JR., 2009) o *self* trata-se de

[...] um conjunto organizado e mutável de percepções relativas ao próprio indivíduo. Como exemplo dessas percepções citemos: as características, atributos, qualidades e defeitos, capacidades e limites, valores e relações que o indivíduo reconhece como descritivos de si mesmo e que percebe constituindo sua identidade. Esta estrutura perceptual faz parte, evidentemente – e parte central – da estrutura perceptual total que engloba todas as experiências do indivíduo em cada momento de sua existência. (ROGERS e KINGET, 1977, p. 44).

Como já abordado, o *self* assume uma característica crucial no desenvolvimento do processo terapêutico, onde consiste principalmente no reconhecimento do meu *eu*, o *self*, a fim de que o cliente possa criar uma perspectiva de crescimento, em que não haja uma discrepância entre o seu *eu* e o *eu ideal*, o que se aspira chegar a ser, conhecida como o *self ideal*.

Em contrapartida, o *self ideal* trata-se da idealização do eu, o indivíduo acredita possuir determinadas características de sua personalidade, mas na realidade são apenas fantasias de como ele gostaria de ser e de agir. Há, no entanto, um ponto a ser ressaltado no que se refere a forma como deseja chegar a esse *eu ideal*, que podemos chamar de um princípio de autorrealização, a fim de que não se distancie do seu verdadeiro eu, o que pode gerar um obstáculo ao crescimento da pessoa.

Como na situação de um jovem universitário, por exemplo, que é aluno destaque em questões acadêmicas, sendo ele reconhecido por todos, pelas excelentes notas, quando se depara com uma nota abaixo do seu ideal, ele procura um meio para não ferir o que tinha se tornado, tomando a decisão de desistir do curso devido a uma única nota baixa. Prometendo procurar uma nova forma para ser o melhor, o que nos leva a considerar que o *self ideal* quando mal direcionado pode ser um empecilho ao desenvolvimento do indivíduo.

Sabemos que o Self e o Self Ideal trata-se de uma idealização do eu, com relação as características que o indivíduo acredita possuir, sendo na verdade, o desejo de como gostaria de ser. A observação da demonstração da real expressão do seu verdadeiro eu, o self, que se relaciona com a congruência, conceito rogeriano que significa a veracidade entre o que é e o que se propaga, ser autêntico.

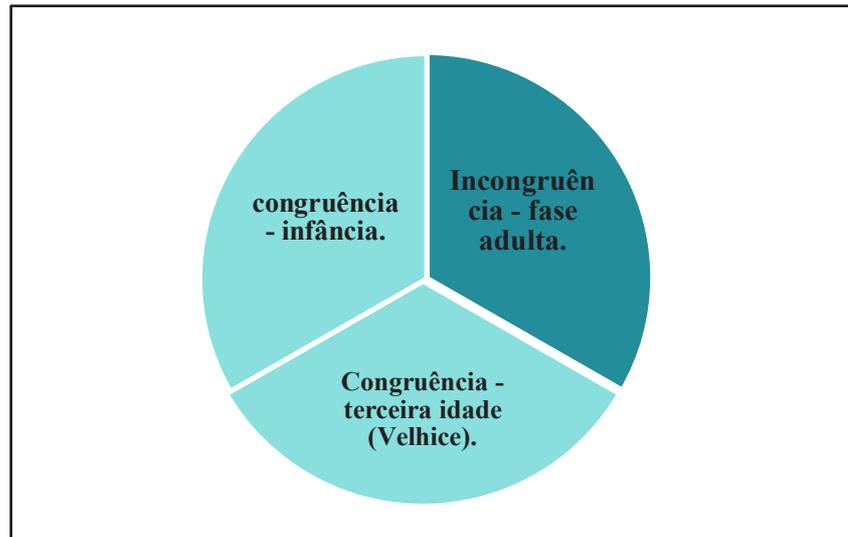
1.5 OS PRINCÍPIOS DE CONGRUÊNCIA E INCONGRUÊNCIA

Outro aspecto fundamental na abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers é o estabelecimento da autenticidade, congruência, nas relações entre indivíduos, de modo que as pessoas possam ser elas mesmas sem utilizar subterfúgios ou mascarar, distanciando-se, ocultando seu verdadeiro eu. Atravessado por essa concepção, Rogers (1983) elabora os conceitos de congruência e incongruência, caracterizando a primeira como uma condição a qual está baseada na expressão verdadeira dos sentidos, desejos, vontades e entre outras, ou seja, a demonstração de seu verdadeiro “ser”, sem mascaramentos, sem “falsidades”.

Já o conceito de incongruência consistiria na falta de correspondência entre o sentimento e a comunicação, falseamento, o disfarçar de tais sentimentos. Como por exemplo, uma pessoa que se encontra muito mal emocionalmente, só que com receio de demonstrar seus sentimentos, demonstra estar muito feliz, mascarando seu real estado de ânimo.

Por meio dos conceitos elaborados por Rogers (1983), podemos indagar que o estado de congruência está presente em duas das três fases do ciclo da vida, a infância e a velhice, o que não significa dizer que na fase adulta não há congruência, mas que há uma demonstração menor de autenticidade nessa fase. Sendo na infância e velhice as fases de maior representatividade quanto à autenticidade. Devido a fatores externos, sociais, que impedem a real expressão do ser.

Gráfico 2 - representativo dos níveis de congruência no ciclo da vida.



Fonte: SILVA, Kaio César Pinheiro da.

O gráfico apresentado acima representa os níveis de congruência de acordo com os conceitos rogerianos referentes ao termo. Sabendo que a congruência está associada à veracidade do que se está sentindo com a experiência vivida, ou seja, a concordância entre o pensar e a comunicação, agir.

Rogers (1983) aborda que dessas fases da vida, as duas mencionadas anteriormente, infância e velhice, são as que apresentam maior autenticidade. Isso se deve a alguns fatores, tais como, na infância as crianças não tem consciência das estruturas sociais que as condicionam a falsear seus sentimentos. É observável quando uma criança sente fome, logo ela chora para demonstrar o que sente, sem mascaramentos expõe seu sentimento referente à sua experiência.

Na velhice, objeto de nosso estudo, demonstra um retorno ao que era, ou seja, uma abordagem referente ao regresso a sua real essência. Em que o idoso rompe com as máscaras postas durante a idade adulta na tentativa de se adequar às exigências sociais, assumindo, no entanto, uma condição de sinceridade consigo mesmo, e com os demais com os quais tem contato.

Rogers (1983), no entanto, traz uma colocação importante sobre a congruência e sua relação com o ambiente, seja favorável ou não para aflorar essa autenticidade, ou seja, a criação de um ambiente favorável para discorrer verdadeiramente sobre o que se sente nessa relação verdadeira do eu com a experiência vivida. Uma pessoa tende a ser sincera, verdadeira, quando se sente confortável, segura em determinada situação, para demonstrar o que está sentindo.

As condições disponíveis a vivência podem favorecer ou não o indivíduo a manifestar autenticidade. Um ambiente hostil fornece o desenvolvimento de um comportamento no qual a pessoa não demonstra necessariamente com sinceridade o que sente, não há a liberdade de deixar-se sentir, o que faz com que o indivíduo crie uma espécie de bloqueio, barreiras que servirão como proteção a esse ambiente hostil.

Em contrapartida, a criação de um ambiente favorável ao crescimento pessoal facilita o movimento que leva a pessoa a ser autêntica, um ambiente confortável o bastante para se sentir livre para expressar o que sente, sendo um ambiente carregado de bons sentimentos, boas vibrações, como a aceitação, respeito, amor de um para com o outro proporcionando um movimento saudável em caminho ao crescimento, onde há a disponibilização de ser mais verdadeiro com o que é e o que sua experiência traz. Construindo assim um ambiente de relações verdadeiras baseadas no crescimento mútuo.

No entanto, essa inautenticidade, esse mascaramento do que se sente é um dos fatores que impedem o crescimento. Ou seja, a incongruência ocorre quando há diferenças entre a tomada de consciência, a experiência e a comunicação desta. As pessoas que parecem estar com raiva (punhos cerrados, tom de voz elevado, praguejando) e que replicam que de forma alguma estão com raiva, se interpeladas, ou as pessoas que dizem estar passando por um período maravilhoso, mas que se mostram entediadas, isoladas ou facilmente doentes, estão revelando incongruência. Que é definida, não só como inabilidade de perceber com precisão, mas também como inabilidade ou incapacidade de comunicação precisa.

As relações de autenticidade, congruência, trazidos por Rogers (1983) relaciona-se com a velhice, sendo como uma fase da vida em que há maior facilidade para ser autêntico, como apresentamos a seguir.

1.6 QUEBRANDO OS TABUS SOBRE A VELHICE: CRESCER ENVELHECENDO OU ENVELHECER CRESCENDO.

É comum em nosso dia a dia a propagação de uma imagem negativa sobre a velhice, uma exposição da figura do idoso como sendo um “estorvo”, associando-o a fragilidade, tanto física quanto mental, deterioram a imagem dos que estão na terceira idade. Por muitas vezes, são vistos com um olhar de desvalorização, quando se refere a uma fase em que não trabalham. Significando, para muitos, um dependente a mais, gasto de tempo e dinheiro, a partir do que, ocorre o abandono familiar, pois esquecem que o envelhecimento é um fenômeno natural, envelhecer é humano.

Rogers traz isso em sua experiência, aborda tanto na tendência formativa, quanto na atualizante tais características como fenômeno natural, mas que, culturalmente falando, vem sendo propagada de forma negativa.

Ao discorrer sobre a velhice, Rogers (1983), em suas elaborações, apresenta o fenômeno formativo, como a degeneração física, entropia, em alguns casos mentais, assim como a tendência atualizante como fenômeno natural que impulsiona o homem ao crescimento, à complexidade. De acordo com sua experiência, Rogers (1983) apresenta sua visão sobre a velhice

Eu realmente sinto uma degeneração física. Percebo-a de muitas maneiras. Há dez anos atrás, gostava muito do arremesso de disco. Hoje sinto tanto os efeitos de uma dolorosa artrite no ombro que este tipo de atividade está fora de cogitação. Em meu jardim, percebo que uma atividade que teria sido fácil há cinco anos, mas difícil há um ano, agora parece ser excessiva, e eu prefiro deixá-la para o jardineiro que trabalha para mim uma vez por semana. Esta lenta degeneração, acompanhada de distúrbios menores da visão, de batimentos cardíacos, e coisas assim, informam-me que a parte física do que eu chamo de “eu” não vai durar para sempre (ROGERS, 1983. p. 18).

Nesse momento, Rogers traz contribuições oriundas de suas experiências e de seu conhecimento da Psicologia sobre o envelhecimento, em que há dificuldade na realização de determinadas atividades, que costumava realizar, marcando um período de certa “fragilidade” física, e muitas vezes, mental. Faz referência direta ao processo de degeneração, o fenômeno formativo, entropia, o qual tende de um impulso que leva o organismo a destruição, ao caos. O que não quer dizer que tal incapacidade congênita, afete todas as estruturas do ser humano “Portanto, tenho consciência nítida de que estou visivelmente velho. Mas internamente sou ainda, sob muitos aspectos, a mesma pessoa, nem velha nem jovem. É sobre esta pessoa que posso falar” (ROGERS, 1983, p. 18). Atribuindo, assim, que mesmo “velho” sua consciência é capaz de falar sobre uma pessoa que não reflete somente no corpo, mas sim nos sentimentos vividos de forma verdadeira, autêntica, capacidade que foi sendo aperfeiçoada, com o passar dos anos.

Rogers (1983) descreve a descoberta e aperfeiçoamento de seus sentidos, com a velhice, quebrando certos estereótipos criados em torno da terceira idade. Sendo eles a possível fragilidade, os problemas mentais, a dificuldade em sentir algo, isso e muito mais, expondo sua experiência, tanto pessoal, quanto profissional, ao ter contato com pessoas da terceira idade e poder perceber o quão são verdadeiros, e quão sensíveis aos sentimentos são, como por exemplo, a capacidade de atingir o ápice da felicidade mais rapidamente, sendo

mais intenso, devido ao fato de se entregarem ao sentimento de forma sincera de acordo com a experiência vivida.

Frequentemente os anos da velhice são considerados calmos e serenos. Acho que essa crença é ilusória. Acredito que eu tenha uma melhor perspectiva dos acontecimentos fora de mim, e por isso sou um observador mais objetivo do que já fui. Mas, em contraste com isto, os acontecimentos que me dizem respeito frequentemente provocam uma reação muito mais forte do que teriam provocado anos atrás. Quando estou empolgado, atinjo as alturas. Quando estou preocupado, fico profundamente perturbado. As feridas parecem mais profundas, a dor é mais intensa, as lágrimas vêm mais facilmente, a alegria atinge picos maiores, e até mesmo a raiva – com a qual sempre tive problemas – é mais aguda. Emocionalmente, sou agora mais volúvel do que costumava ser. O espaço entre um sentimento de depressão e uma grande alegria parece maior, e cada estado é mais facilmente provocado (ROGERS, 1983, p. 25).

Rogers aborda de forma precisa como é que com o tempo as pessoas se tornam mais aptas a serem congruentes. Confirmando isso através de sua própria experiência, como descrito no fragmento anterior, trazendo conceitos sobre a velhice e quebrando tabus sobre determinadas visões com relação a velhice. Não sendo apenas uma degeneração física, um acercamento a morte e entre outros estereótipos que giram em torno da terceira idade, presentes no nosso meio social, onde há o menosprezo ao idoso, o rechaço, a exclusão, o isolamento.

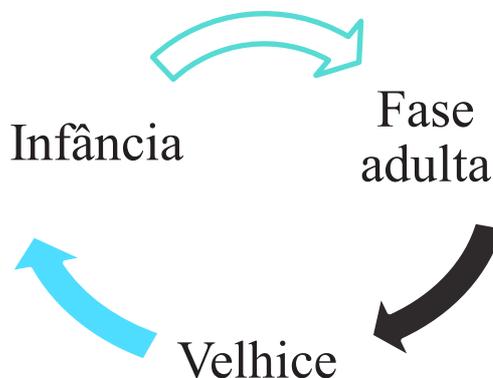
Para ele, a velhice nos proporciona uma visão mais sensível da vida e do ser humano. Ainda que consciente ou inconscientemente, de forma natural, tendemos ao crescimento, a busca pela liberdade, pela realização, pela descoberta do “*quem sou eu?*” Essa manifestação se dá através do reconhecimento de si mesmo como do outro, de ser, possamos dizer assim, congruente consigo mesmo.

Na velhice há um movimento de libertação, em que o idoso quebra essas barreiras que reprimem o seu eu, assumindo uma postura mais verdadeira consigo mesmo e com os demais, traço presente na infância, antes de migrarem para a incongruência da fase adulta.

Em relação aos movimentos de congruência e incongruência no decorrer das fases da vida, Rogers (1983) destaca que inicialmente na infância, a criança se destaca como um ser congruente, mas no decorrer do seu processo educacional vai aprendendo a conter seus desejos, sentimentos e necessidades, onde há a “necessidade” de se adequar às normas sociais, formando máscaras a fim de que possa interagir sem desaprovação. E a velhice sendo a última fase da vida, onde há uma volta “a suas origens”, a ser criança, que por sua vez passa a ser considerada congruente.

Observemos nesse SmartArt a fim de que possamos melhor entender esse movimento decongruência e incongruência nas fases de desenvolvimento do ser humano.

Gráfico 2 – fases da vida



Fonte: SILVA, Kaio César Pinheiro da.

Essa ilustração, representação gráfica, caracteriza um momento semelhante ao do ciclo da vida, onde é perceptível o estabelecimento das fases da vida com a proximidade de se tornar você mesmo. Levamos em consideração a disposição das cores de forma proposital a fim de que possa melhor aclarar tais observações: a seta de cor branca com bordas azuis, simbolizando a pureza, verdadeiramente expressa nessa fase da vida, seguida de uma fase, onde há a necessidade de uma adequação para o social. Marcamos a seta de transição posterior a infância de preto devido ao significado sombrio, que geralmente é atribuído a ela, na qual as pessoas passam a viver nas sombras ocultando o seu verdadeiro *eu* e, por fim, a última seta que simboliza o retorno a suas origens, só com um diferencial, uma bagagem de experiências infindavelmente positivas, valores, para tomar consciência e voltar a ser o que era, antes da adequação social.

O caráter de ser autêntico, para Rogers (1983), consiste na relação aos seus sentimentos, que ao envelhecer o indivíduo se torna mais suscetível à demonstração do seu verdadeiro eu, assumindo uma característica poética, verdadeira, engrandecedora, mais humana. Um movimento que transcende uma vida baseada em imposição de uma máscara sobre a outra para obedecer às normas socioculturais, em que ser você mesmo pode gerar inquietação, revolta, conflitos. E que “[...] Talvez seja uma característica da velhice, que tem sido pouco considerada. Não sei. Sei simplesmente que meus sentimentos são mais facilmente desencadeados, mais agudos. Sinto-me em contato mais íntimo com todos eles” (ROGERS, 1983, p. 25).

De certo modo, a descrição trazida por Rogers (1983), remete a características ligadas à velhice, sendo ela abordada de várias formas na sociedade de hoje em dia, o que nem sempre era representada de forma tão depreciativa como é perceptível hoje. Bem como as noções estabelecidas por Agra (2010 *apud* Gonçalves; Barbosa & Brandini, 2014) em que a figura do idoso, referente ao período que antecede o século XIX, era abordada com uma significação positivamente respeitável e valorativa, que passa a ser de maneira negativa.

1.7 REFLEXÕES SOBRE A MORTE OU SOBRE A VELHICE?

Uma das visões difundidas no meio social nos dias atuais é de que avelhice é sinônimo de morte, proximidade desse momento de transição, de incerteza, de medo para muitos. Rogers (1983) menciona a importância do desenvolvimento de atitudes, que possam impulsionar o idoso a amar o viver. Ele descreve brevemente o sentimento que estava a cultivar no seu processo de envelhecimento.

Há dez ou quinze anos atrás, eu tinha a certeza de que a morte representava o fim de tudo. Eu ainda encaro esta perspectiva como a mais provável. No entanto, não me parece trágica ou terrível. Tendo sido capaz de *viver* – não de modo total, mas com um grau de plenitude bastante satisfatório – e me parece natural que minha vida chegue a um fim. [...] Acredito também que as ideias e as maneiras de viver que eu e outros ajudamos a desenvolver continuarão, pelo menos, por algum tempo. Se eu, como indivíduo, acabar por completo, haverá aspectos meus que ainda viverão sob várias formas de desenvolvimento, o que não deixa de ser uma perspectiva agradável (ROGERS, 1983, p. 28).

Nessa passagem, Rogers (1983) relata um pouco de sua experiência no processo de envelhecimento. Ele traz, de acordo com sua vivência, uma perspectiva própria sobre o seu processo de envelhecer, que a princípio a descrevia somente como a certeza de que a morte significaria o fim de tudo. Mas Rogers (1983) atribui um sentido, uma nova perspectiva, como o desenvolvimento de atividades que, mesmo após sua morte, continuará a prevalecer, a ser lembrada e ajudar as demais pessoas. Atribuindo um sentido à vida para os pertencentes a essa faixa etária.

Outra colocação importante é a referente à tão chegada hora, onde a morte faz uma visita amigável a lhe convidar ao passeio transitório, em que Rogers (1983) nos faz refletir sobre temer ou não temer.

[...] ninguém pode saber se teme a morte antes que ela chegue. Certamente, a morte é o último mergulho no escuro, e creio que a apreensão que eu sinto

quando vou ser anestesiado será duas vezes maior quando eu estiver diante da morte. Por enquanto, ainda não tenho um medo realmente profundo da morte. Até onde posso perceber, meu medo relaciona-se com as circunstâncias em que poderá se dar. Tenho terror de qualquer doença longa e penosa que leva à morte. Odeio pensar em senilidade ou num distúrbio cerebral parcial devido a um derrame. Prefiro morrer rapidamente [...] (ROGERS, 1983, p. 28).

Ao trazer uma reflexão sobre como via a morte, Rogers (1983) associa-a a um último mergulho no escuro, trazendo um posicionamento sobre o que de fato viria a ser. Caracterizando-a como um retorno ao estado caótico, de escuridão de inconsciência, propõe-nos a refletir sobre tal questão, a incerteza, dúvida, sobre o que vem a ser a morte, ela como variável e incompreensível.

Ainda tratando sobre a velhice como palavra sinônima da morte, Rogers traz uma analogia que tenta esclarecer da melhor forma como ele a percebe. Associando-a de forma a que o indivíduo seja como “[...]um rio que corre, com o passar do tempo, em direção às águas do mar e abandona seu leito lamacento ao atingir o mar ilimitado. § [...] considero a morte uma abertura para a experiência. Ela será o que tiver que ser, e estou certo de que a aceitarei, quer ela seja um fim, quer uma continuação da vida” (ROGERS, 1983, p. 28-29). Ou seja, nessa analogia Rogers (1983) se refere à vida como um percurso que as águas do rio seguem até seu destino ‘final’, marcando o desconhecido, propondo a aceitação dessa nova sensação, desse novo sentimento para quando chegar e, enquanto que não vem, há muito que sentir, viver e realizar.

Podemos dizer em linhas gerais, que Rogers (1983), ao abordar essa temática da velhice, pensa sobre todos os seus ensinamentos no processo de formação da pessoa quanto um ser melhor, cheio de verdade em si, em cada experiência, não estabelecendo uma ideia fixa de que a morte venha a ser isso ou aquilo, ele simplesmente a aborda de acordo com sua experiência a fim de que possamos refletir sobre essa temática a partir das suas elaborações teóricas sobre o envelhecer. Trazendo o sentido de que estar

[...] vivo envolve riscos, significa agir com pouca certeza, significa compromisso com a vida. § Tudo isso traz mudanças e para mim o processo de mudança é a vida. Acho que se vivesse de modo estático, estável, pronto, seria um morto-vivo. Assim, aceito a confusão, a incerteza, o medo e os altos e baixos emocionantes porque são o preço que quero pagar que ter uma vida estimulante, fluente e perturbadora (ROGERS, 1983. p. 29).

Rogers (1983) caracteriza a vida como uma aventura cheia de altos e baixos, cheia de novas cores, sabores e permissões de viver e sentir o que lhe é apresentado. Tomando a vida

de forma verdadeira, plenamente autêntica a fim de realizar seus objetivos e viver plenamente cada momento, em que o envelhecer não seja somente essa associação à morte, porque assim como o desenvolvimento a complexidade, ao crescimento, a morte faz parte do viver, mas cada uma dessas etapas ganha sua relevância única e cronológica, que tem seu tempo determinado para ser desfrutada. Cabe ao sujeito saber o que é cada uma, significando-a ou ressignificando como autor de sua própria vida.

Por meio da apresentação do aporte teórico rogeriano e sua abordagem centrada na pessoa que servirá para nortear nossa análise da obra de Clarice Lispector (2009) quanto aos conceitos de congruência e incongruência aqui apresentados. Apresentaremos a caracterização sobre a escritora e a obra a qual analisaremos.

CAPÍTULO II

A AUTENTICIDADE NA TERCEIRA IDADE: A INSATISFAÇÃO DE DONA ANITA

2 A AUTORA E A OBRA

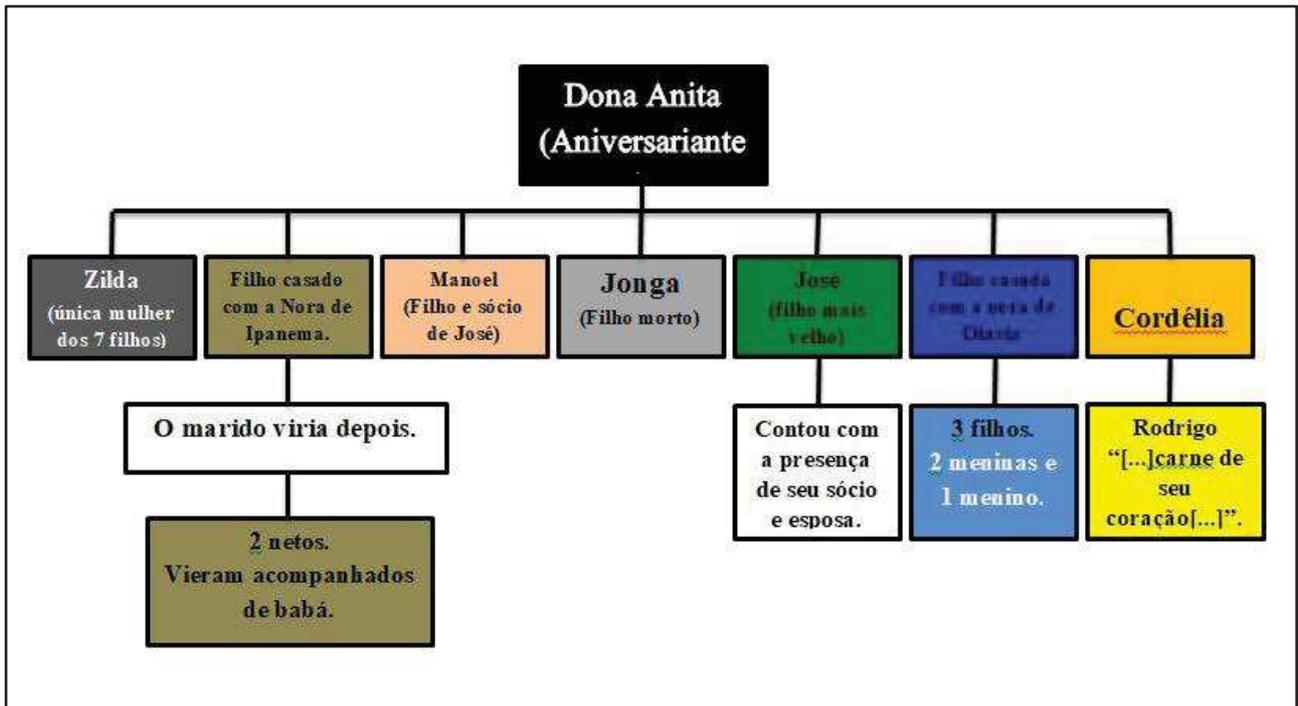
No presente capítulo buscaremos fazer uma análise do conto *Feliz Aniversário* da escritora Clarice Lispector, segundo as abordagens teóricas da Psicologia Humanista de Carl Rogers, apresentadas no capítulo anterior. Conto presente no livro *Laços de Família* (2009), o qual é composto por uma coletânea de treze contos, que envolve uma temática voltada para as relações familiares, como supõe o título da obra, *Laços de Família*. Recentemente foi lançada em 2016, uma edição pela editora Rocco, um livro que reúne todos os contos da escritora, intitulado, *Todos os Contos de Clarice Lispector*.

Clarice Lispector ganhou destaque como um dos nomes mais significativos da Literatura Brasileira na terceira fase do Modernismo. Aborda uma temática voltada para o íntimo do indivíduo, a subjetividade, que leva as personagens, assim como o leitor, a embarcar nessa viagem subjetiva, levando-os aos questionamentos mais profundos da sua intimidade. A produção clariciana se caracteriza por ser atemporal, ou seja, obras que mesmo escritas em décadas passadas traz abordagens atuais, transcendendo as barreiras do tempo, como por exemplo, a temática ligada à velhice, sobre a figura do idoso, que nos leva a refletir sobre como a velhice é vista hoje em dia, como é tratada, e qual sua importância na sociedade de hoje.

No presente estudo realizamos uma análise sobre a figura do idoso presente no conto *Feliz Aniversário*, de Clarice Lispector, sob a visão da Psicologia Humanista de Carl Rogers, elucidada por meio dos conceitos de congruência e incongruência, como presenciaremos no desenvolver da análise. O conto narra a história de dona Anita, uma senhora de oitenta e nove anos, mãe de sete filhos, contando apenas com seis, sendo Zilda a única mulher dos seis que restara. Joga o filho a quem aprovara havia morrido, os demais estavam casados, cada qual com sua família a quem dedicar seu interesse. E a idosa passa a morar com Zilda em um apartamento em Copacabana.

A fim de que possamos entender melhor a estrutura familiar que está envolta a narrativa, elaboramos um quadro que representa o grau de parentesco dos personagens da festa em relação a aniversariante.

1. Estrutura familiar/ parental dos convidados



Fonte: SILVA, Kaio César Pinheiro da.

Através deste quadro procuramos apresentar a relação de parentesco dos personagens com a protagonista, dona Anita. José, filho mais velho, conforme apresentado na narrativa. Temos também a participação da nora de Olaria, que veio representando o marido que não foi para não ter que falar com os demais familiares. A nora de Ipanema que veio acompanhada de seus filhos e a babá, seu marido viria logo em seguida. E por fim, Cordélia, a nora mais jovem de dona Anita, que lhe dera um neto que segundo a protagonista “era carne de seu coração”. Compondo assim, os principais personagens da trama.

A narrativa gira em torno da festa de aniversário de dona Anita, onde ela presenciará inautenticidade de seus filhos. A presença de seus descendentes em sua vida se resume a visitas em datas comemorativas, tais como a do seu aniversário. A autora constrói a trama que envolve uma personagem idosa, que nos incita a uma viagem pelo seu universo subjetivo expressando sua angústia por conviver com familiares que não a amam. Mostrando-nos sua capacidade de ser autêntica com ela mesma de forma que expõe os sentimentos de amargura por não se sentir amada pelos familiares em pleno dia de seu aniversário.

O narrador onisciente descreve a sucessão dos fatos que caracterizam a trama, assim como a apresentação dos principais pensamentos dos personagens, especialmente os da protagonista. O conto se passa em um curto espaço de tempo, em um entardecer que leva ao crepúsculo em Copacabana, no Rio de Janeiro, durante o aniversário de oitenta e nove anos dessa senhora e gira em torno do micro espaço, o apartamento onde dona Anita morava com

sua filha Zilda, cujo prédio poderia ser demolido a qualquer momento pela prefeitura, devido às péssimas condições estruturais. Espaço que marca o desenvolvimento da trama clariciana.

A narrativa tem início com a descrição da chegada dos convidados e familiares, sabendo que os preparativos para o festejo havia começado desde cedo. A aniversariante estava devidamente arrumada desde as duas horas da tarde, momento em que Zilda, sua filha, se encarregara sozinha dos preparativos do festejo do aniversário, por não receber a ajuda dos outros irmãos e familiares. Além da organização da festa, cuidou de arrumar a aniversariante para que ela estivesse limpa e apresentável, para receber os seus convidados à medida que fossem chegando.

Desta forma, com umas duas horas de antecedência dona Anita estava arrumada, perfumada e esperava sentada na extremidade da mesa, imponente, ninguém conseguia decifrar se aquela senhora estava triste, feliz ou qualquer que fosse o sentimento que pudesse ser expresso. Segundo Lispector (2009), a personagem estava como se fosse uma peça de exposição de um museu, como um assassino prestes a ser interrogado. Momento em que os convidados iam chegando pouco a pouco, lotando a sala. Cada convidado fazia esforço para disfarçar seus desafetos e intolerância uns com os outros. Como apresenta Lispector (2009, p. 54)

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de paetês e um drapeado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados [...] (LISPECTOR, 2009, p. 54).

A festa estava prestes a começar, Zilda, que organizava todos os preparativos desde cedo, já havia “[...] disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar [...]” (LISPECTOR, 2009, p.54) organizando a casa assim como a velha, a qual já estava arrumada e posta a cabeceira da mesa a esperar o início das festividades. Então, começam a chegar os familiares, sendo a nora de Olaria a primeira, que viera acompanhada dos três filhos, “[...] duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado [...]” (LISPECTOR, 2009, p.54). O marido não viria para não ter que falar com seus irmãos, mas, para não cortar laços familiares, enviara sua esposa como representante.

Em seguida, chega a nora de Ipanema, acompanhada de seus dois filhos e da babá, o marido viria logo em seguida. Ocupando seu lugar, assim como a nora de Olaria que procura manter o mínimo de comunicação possível entre os participantes da festa, sendo que a todo o momento procura manter-se ocupada para não ter que dirigir a palavra a nora de Ipanema, a

qual estava sentada do outro lado da sala, uma frente à outra. Ambas em um jogo de disfarces para não ter que se encarar.

À medida em que os convidados iam adentrando na sala, se deparavam com “[...] a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos” (LISPECTOR, 2009, p. 55). Como se ela pertencesse a decoração da festa, fazendo parte dos adornos que enfeitavam a sala.

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito "HappyBirthday!", em outro "Feliz Aniversário!" No centro havia disposto o enorme bolo açucarado. Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede, mandara os meninos brincar no vizinho para não desarrumar a mesa (LISPECTOR, 2009, p. 55).

Na descrição feita pela autora é possível observar o quanto havia se preparado esse momento de festejo em comemoração ao aniversário de dona Anita. Sendo Zilda a principal responsável por toda organização e cuidado com os preparativos.

[...] para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa. (LISPECTOR, 2009, p. 55).

Ela cuidou dos mínimos detalhes para que a festa saísse como planejado, a fim de impressionar os familiares, que por sua vez mal observam o esforço feito por Zilda.

2.1 CONGRUÊNCIA NA VELHICE

Vimos no início deste capítulo que o conto *Feliz Aniversário* apresenta um caráter atemporal, com uma temática que está presente nos dias atuais. Aborda na trama conflitos que atravessam a vida do idoso, representada pela protagonista dona Anita, uma senhora de oitenta e nove anos que vivencia em pleno festejo de aniversário a inautenticidade de seus filhos e convidados uns com os outros. Por meio de tais questões sobre essa temática, analisamos a interação ocorrida na festa de aniversário sob uma visão humanista, focando na autenticidade da protagonista, que configura nossa análise de acordo com o aspecto de “autenticidade” e “inautenticidade” trabalhados por Rogers.

É comum em nosso dia a dia a propagação de uma imagem negativa sobre o idoso, uma exposição da velhice como sendo um “estorvo”, associando-o à fragilidade, tanto física

quanto mental, a doenças e entre outras construções que deterioram a imagem dos pertencentes à terceira idade. Por muitas vezes, são vistos com um olhar de desvalorização, principalmente por questões econômicas, uma vez que nessa etapa da vida, em sua grande maioria, não trabalham, significando um “gasto” excessivo de tempo e dinheiro para o governo e para a família, que em determinados momentos os abandona e esquece. Sem levar em consideração que envelhecer é um fenômeno natural, é humano. Tal abordagem sobre a velhice assume essa característica negativa na segunda metade do século XIX, como afirma Lima-Costa, Firmo & Uchôa (2002).

[...] a velhice foi tratada a partir da segunda metade do século XIX como uma etapa da vida caracterizada pela decadência e pela ausência de papéis sociais (DEBERT, 1999, s/p). Inicialmente delimitado por estudos biológicos e fisiológicos, o envelhecimento foi fundamentalmente associado à deterioração do corpo e, a partir daí, utilizou-se essa mesma grade de leitura para guiar pesquisas focalizando outras dimensões (CORIN, 1985, s/p).

Tal abordagem sobre a velhice vem sendo alvo de estudos antropológicos a fim de que possam compreender as mudanças ocorridas no processo evolutivo da sociedade. Dentre elas a visão propagada na sociedade a respeito da velhice, do envelhecimento, como observaremos no decorrer desta análise.

Carl Rogers, em suas elaborações teóricas sobre o desenvolvimento humano, abordou sobre o processo de envelhecer e ressaltou a forma estereotipada em que a velhice é tratada pelos seres humanos, e que, culturalmente, vem sendo propagada de forma negativa. Rogers (1983) trouxe isso em sua experiência, relatando o que se passava, como se sentia nesse movimento em direção ao envelhecer, que o ajudou a aperfeiçoar seus estudos sobre as tendências formativa e atualizante.

De acordo com sua experiência no processo de envelhecimento, Rogers (1983) tece uma opinião sobre a velhice, que para ele, quebra o estereótipo de ser uma fase da vida ligada a serenidade, e assume uma característica mais intensa, relacionada principalmente a capacidade de se envolver com os sentimentos que vão surgindo.

A experiência de envelhecer vivenciada e narrada por Rogers (1983), serve-nos de horizonte para analisarmos a personagem da trama clariciana, dona Anita, no momento da festa em que ela vai partir o boloe “[...] de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina” (LISPECTOR, 2009, p. 59). Momento em que a senhora tomada por um

sentimento de “fúria” parte o bolo com uma violência que deixa claro sua insatisfação com toda aquela inautenticidade de seus familiares.

É possível observar esse espaço entre um sentimento e outro, quando anteriormente a senhora apresentava uma expressão que impossibilitava os convidados de saberem se estava satisfeita com a festa ou não, só a observar tudo aquilo, levando-a a despertar um sentimento de revolta, que a faz partir o bolo com tal força e firmeza que atinge um momento de fúria que foi provocado.

Para Rogers (1983), a terceira idade proporciona a pessoa a possibilidade de viver mais intensamente os sentimentos que surgem em sua experiência, marcando estágios de transição entre um sentimento e outro, um período de neutralidade, assim como a sensibilidade em percebê-los e deixar-se invadir-se pelos mesmos. Tal característica também está presente na infância, como discutido no capítulo anterior.

Embora consideremos todos os conceitos elaborados por Rogers importantes para compreendermos o desenvolvimento da personalidade humana, nesse estudo estamos privilegiando os conceitos de congruência e incongruência por nos servirem de aporte teórico para compreendermos o comportamento, o sentimento e as expressões corporais da personagem Anita.

Conforme vimos no capítulo I, a congruência para Rogers (1983) seria a conjunção entre o que se sente e o que se vivencia, ou seja, uma condição que se baseia na expressão verdadeira do que se sente com a comunicação.

O conto *Feliz Aniversário* ilustra bem a relação da idosa com os seus familiares, marcando suas manifestações de congruência, assim como a incongruência dos demais familiares. Sendo a velhice a fase da vida que representa a maior facilidade em demonstração de autenticidade, observaremos a seguir como a autenticidade da protagonista desse conto é apresentada.

2.2 A AUTENTICIDADE DE DONA ANITA

A trama tecida no conto *Feliz Aniversário* nos proporciona observar com clareza como a idosa, dona Anita, se manifesta com tudo aquilo que vivenciou, a inautenticidade de seus filhos, que haviam se tornado pessoas “opacas”, falseadas por diversas máscaras. Um dos motivos que leva a idosa a imergir numa viagem subjetiva, levando-a a questionamentos que impulsionarão suas demonstrações de autenticidade durante a festa.

A aniversariante como abordado no início deste capítulo, se encontrava pronta, esperando o momento em que todos estivessem presentes para dar início às comemorações, que se caracterizava pela reunião de todos os familiares, a troca de algumas palavras, o cantar do “parabéns” à aniversariante, logo mais apagar as velas, no caso a vela, devido a criatividade de Zilda que põe um papel na vela com a data alusiva a idade de dona Anita, o partir do bolo, distribuição das fatias, um momento de confraternização entre os participantes e logo termina a comemoração, o que geralmente acontece nessas festas. E a aniversariante? Estava posta sentada à ponta da mesa, neutra.

De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos. Olhando curiosa um ou outro balão estremecer aos carros que passavam. E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o voo da mosca em torno do bolo (LISPECTOR, 2009, p. 55-56).

Nesse momento, a senhora se encontra posta frente a uma mesa, diante do seu bolo de aniversário, observando a disposição dos objetos, desde aos guardanapos coloridos até a mosca que sobrevoava o bolo. A princípio tal caracterização demonstra que será um aniversário normal, como qualquer outro, até determinado momento, como veremos a seguir.

Tudo estava devidamente em seu lugar, todos os preparativos, os convidados haviam chegado e se situaram cada qual em seu lugar esperando que a festa tivesse início e, conseqüentemente, tivesse um fim para que cada qual pudesse seguir seu caminho, cumprindo assim com seu papel de estar presente na festa de aniversário da “mãe de todos”.

Estando todos postos e pronto para dar início a festa, se prepararam para cantar os “parabéns” enquanto a “[...] aniversariante, à luz da vela acesa, meditava como junto de uma lareira” (LISPECTOR, 2009, p. 58), em um profundo pensamento, qual? Não é possível saber. Enquanto todos, empolgados cantavam “parabéns”, uns em português, outros em inglês.

A personagem a princípio não demonstra nenhum posicionamento sobre o aniversário, estava somente a observar como seus descendentes interagiam entre si, marcando um momento de neutralidade, um espaço que não demonstrava sentir nada. Esse momento de neutralidade aparente significa a transição entre um sentimento vivido e o sentimento posterior, como traz Rogers (1983, p. 25) “[...] o espaço entre um sentimento de depressão e uma grande alegria parece maior, e cada estado é mais facilmente provocado”. Através dos aspectos descritos por Rogers (1983) sobre a velhice, de acordo com sua experiência, passaria por períodos mais longos, de transição entre o declínio de um sentimento e o auge de outro, como observamos a condição descrita, que a personagem parecia oca, vazia, neutra e entre outras características que a definiram a princípio.

Sentada a cabeceira da mesa, ninguém sabia o que se passava pela mente dessa senhora. “Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca” (LISPECTOR, 2009, p. 56). Em meio a tantas e tantas tentativas a fim de que houvesse um envolvimento, uma participação de dona Anita na festa sem sucesso, a velha continuava parada, imponente, oca, mostrando assim seu real estado de ânimo, em não expressar ou manifestar afeto que seja por aquele momento, sendo, no entanto, autêntica a ponto de ser incompreendida pelos familiares.

Entendemos, após a descrição de Rogers (1983), a partir de sua experiência sobre a velhice, que há um período de transição entre um sentimento e outro, sendo mais extenso e significativo, mesmo no que se refere à facilidade em provocar um sentimento e o quanto intenso pode se tornar. Comportamento esse que verificaremos na protagonista, quando ela parte de um momento de neutralidade para a manifestação de um sentimento, como quando após apagarem a vela de aniversário, pelo seu neto, a insistência dos demais em que a senhora partisse o bolo.

Partindo desta apresentação sobre uma das características ligadas à velhice, feita por Rogers (1983), como presenciado na protagonista, é observável sequencialmente que a senhora foi tomada por um sentimento de revolta que caracteriza o auge de congruência, sendo expressa pelo movimento corporal da personagem ao partir o bolo. Sabendo que o movimento de congruência corresponde ao mais alto “[...] grau de exatidão entre a experiência da comunicação e a tomada de consciência” (ROGERS, 1939, p. 227), ou seja, “[...] quando uma criança tem fome ela toda está com fome, neste exato momento! Quando uma criança sente amor ou raiva, ela expressa plenamente essas emoções [...]” (ROGERS, 1939, p. 227). Rogers (1989) ressalta a exemplificação perfeita sobre a demonstração de autenticidade em uma criança, e cabe-nos aqui associar a velhice, no caso a protagonista, dona Anita, que apresentará a manifestação de autenticidade no momento em que a pressionam para que parta o bolo, momento anterior em que observa a falsa euforia de seus familiares em comemorar seu aniversário. Como apresentado na descrição seguinte.

Zilda apaga as luzes para que se possa ascender à vela e chegar o momento mais esperado de toda festa.

[...] Então acenderam a vela. E então José, o líder, cantou com muita força, entusiasmando com um olhar autoritário os mais hesitantes ou surpreendidos, "vamos! todos de uma vez!" e todos de repente começaram a cantar alto como soldados. Despertada pelas vozes, Cordélia olhou esbaforida. Como não haviam combinado, uns cantaram em português e

outros em inglês. Tentaram então corrigir: e os que haviam cantado em inglês passaram a português, e os que haviam cantado em português passaram a cantar bem baixo em inglês (LISPECTOR, 2009, p. 57).

A confusão é visível em que uns cantavam em inglês e outros em português, puxados pelo inautêntico entusiasmo de José ao iniciar o canto de parabéns, marcado por poucos aplausos e falsos entusiasmos dos participantes. E a aniversariante? Estava sentada, dura, imóvel, iluminada pela luz da vela, a demonstrar sua neutralidade de sentimentos com relação a tudo aquilo, apenas a meditar. Até o momento dona Anita se mantinha neutra, sem nenhuma manifestação, que estava prestes a ser quebrada por meio de sentimentos que iriam tomar conta dessa senhora.

Escolheram o bisneto dela para que apagasse a vela do bolo, seguido pelo acender das luzes, em que nos deparamos com a aniversariante, ainda sem se manifestar, a fitar o bolo apagado e seco. Com poucas palmas e encorajadores “viva a mamãe, vovó, dona Anita” pelos familiares e convidados. Observaremos sequencialmente uma das primeiras manifestações de autenticidade da aniversariante, expressada após cantarem parabéns. Chega a hora de cortar o bolo. “E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para frente, dona Anita deu a primeira talhada com punho de assassina” (LISPECTOR, 2009, p. 59). Com base nesse fragmento, e de acordo com o conceito de congruência (ROGERS, 1939), podemos observar que a força e a forma com que dona Anita parte o bolo revela sua angústia, raiva e perturbação com aquela farsa em que estava mergulhada, demonstrando sua inquietação com relação aquele momento que estava vivendo, o que leva a surpreender os familiares.

É possível presenciar a inquietação causada pela insatisfação de dona Anita quando percebe o desprezo, indiferença que recebia de seus filhos, familiares, sendo como “[...] dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada [...]” (LISPECTOR, 2009, p. 59). Servindo como momento inicial que desencadeou sucessivas manifestações de congruência, autenticidade na aniversariante, que expôs a todos os presentes o que sentia em relação àquelas relações inautênticas, a essa falsa comemoração de aniversário.

Após partir o bolo, encontramos dona Anita sentada na cabeceira da mesa, imóvel e neutra, ao demonstrar sua angústia e raiva, voltando à neutralidade física, mas mentalmente a vivenciar uma profunda reflexão subjetiva.

[...] ela era a mãe. A aniversariante piscou. § Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à

cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspsse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração [...] (LISPECTOR, 2009, p. 60).

Na viagem subjetiva feita pela protagonista, dona Anita, presenciamos um momento de reflexão sobre seus familiares, filhos, netos e bisnetos como ela os desprezava por serem pessoas tão inautênticas, classificando-os como “carne do seu joelho”, sendo como um peso morto o qual ela deu origem, tendo apenas Rodrigo, seu neto, como o único que era “carne de seu coração”.

Ainda sobre o fragmento, assim como em várias outras partes do conto, há apresentação da expressão “*mãe de todos*”⁴, a qual é repetida inúmeras vezes a fim de exaltar a importância da protagonista como mãe e progenitora de seus descendentes. Tais acontecimentos marcam a prévia de sentimentos que tendem a tomá-la e consumi-la, levando-a a atingir o seu auge a ponto de ocorrer uma explosão, como veremos em seguida, de raiva, indignação a respeito daquele momento de comemoração, que ela sabia que não passara de uma farsa, ela os desprezava.

Refletindo sobre tudo aquilo que estava vivendo em seu aniversário, a protagonista alimentava um sentimento que a consumia. Um momento de reflexão que caracterizava um isolamento em si mesmo, buscando a privacidade para pensar com mais clareza e profundidade sobre o que estava vivenciando. Rogers (1983) caracteriza essa solidão na velhice como consequência da busca por excessiva privacidade na fase adulta. Observamos na protagonista esses momentos nos períodos de neutralidade, quando não se manifestava e ninguém sabia o que se passava, o que estava pensando, marca, no entanto, o período de reclusão dessa senhora que se fecha para pensar, alimentando de certo modo seus sentimentos de revolta, insatisfação. Como aborda Rogers (1983) sobre as fases da vida e as transformações sofridas pelo indivíduo no processo de envelhecimento, caracterizado por esse afastamento subjetivo como busca pela privacidade.

Mas pagamos um preço. De nossa juventude alienada emergem nossos criminosos, capazes de uma violência sem sentido. De nossos anos adultos vividos em privacidade, “progredimos” para um solitário *status* de “cidadão idoso”. Tanto o jovem quanto o velho são quase completamente inúteis em

⁴O fato de utilizarem repetidamente essa expressão “mãe de todos” remete, simbolicamente, a característica da criação, em que evoca a imagem de Eve/ Eva a progenitora do ser humano, isso bíblicamente, que por coincidência tem sete filhos, assim como na mitologia evoca a imagem de Equidna, do grego *víbora*, mas também mãe de todos os monstros, criaturas que percorrem os cantos obscuros do planeta. Tal colocação faz referência à importância dela quanto mãe, na imagem bíblica, quanto a progenitora de seres historicamente deformados, que podemos aludir aos filhos da velha. (CHEVALIER, 1906, p. 410)

nossa sociedade moderna e têm uma aguda percepção dessa inutilidade. Não há lugar para eles. Têm sua privacidade, seu isolamento – e nenhuma esperança (ROGERS, 1983, p. 64).

A apresentação feita por Rogers (1983) sobre a solidão na terceira idade deixa clara a necessidade pela procura de privacidade na fase adulta, que a solidão na velhice passa a ser vista como consequência dessa busca. Caracterizando esse isolamento como um momento que leva a reflexão, que aguça os sentidos, a observação, a sensibilidade por se deixar sentir por completo os sentimentos que vão surgindo, a fim de que expressem com autenticidade o sentimento vivido. O que se passa a todo instante com a protagonista, dona Anita, desde o momento em que estava pronta para a festa, descrito no início deste capítulo, como nos momentos sucessivos, aqui apresentados.

Dona Anita ainda se encontrava como em transe, em sua viagem subjetiva na qual refletia sobre o que haviam se tornado seus descendentes, pessoas mascaradas, inautênticas, incongruentes, incapazes de uma boa e verdadeira alegria.

Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão (LISPECTOR, 2009, p. 60).

A velha tomada pelo rancor e a raiva que a consumia ao presenciar tanta hipocrisia entre seus familiares fez com que se expressasse da maneira mais congruente possível, pois quando se tem “nojo”, repugnância de algo ou alguma coisa, leva o indivíduo a cuspir, o que motivou a personagem a cuspir no chão como forma de demonstrar o que sentia com tudo aquilo, levantando espanto entre os familiares.

A viagem subjetiva da personagem dá margem para que possa se entregar aos sentimentos despertados, ao estar envolta a tanta hipocrisia, rodeada por pessoas que não a amavam. Ao cultivar esses sentimentos, dona Anita proporciona-se sentir intensamente o rancor, a dor, a raiva, a insatisfação sobre tudo aquilo, possibilitado por estar entre parentes e amigos. Segundo Rogers (1983) quando está com “[...] amigos próximos, homens e mulheres, posso compartilhar qualquer aspecto de meu eu – os sentimentos de dor, alegria, de

insegurança, de medo, os sentimentos loucos, egoístas, autodepreciativos. Posso compartilhar sonhos e fantasias. [...]” (ROGERS, 1983, p. 26).

Trata-se de um ambiente que favorece o “se entregar a essas sensações”, levando-a ao ponto mais significativo da narrativa, mesmo que descrito pelo narrador onisciente os pensamentos da idosa, os quais a levará a expressar com toda propriedade sua autenticidade sobre aquela comemoração forjada por tanta inautenticidade. Clarice nos faz pensar sobre as reflexões de dona Anita, revoltada com o comportamento de seus filhos, em imaginar como seria possível ter se dedicado tanto na criação dos mesmos e no momento em que mais precisava, eles eram indiferentes, desprezíveis, egocêntricos e distantes dela afetivamente.

Dona Anita após sua entrega aos sentimentos despertados por tal situação, manifestara fisicamente o que sentia, sendo fiel aos sentimentos despertados. Por esse sentimento de “nojo” perante tudo aquilo que presenciava, por tamanha indignação, ela cuspe no chão. Ao cuspir dona Anita demonstra o quão enojada estava com toda aquela boa convivência “forçada”, gerando um sentimento de revolta, vergonha, nojo da forma como era tratada em pleno aniversário.

O sentimento despertado na protagonista foi facilmente desencadeado, como abordado anteriormente, por estar entre conhecidos, ambiente familiar, assim com a própria velhice que proporciona o desencadeamento de sentimentos e expressões com o máximo de intensidade e facilidade de serem provocados, como traz Rogers (1983) “[...] Talvez seja uma característica da velhice, que tem sido pouco considerada. [...] Sei simplesmente que meus sentimentos são mais facilmente desencadeados, mais agudos. Sinto-me em contato mais íntimo com todos eles” (ROGERS, 1983, p. 25). Segundo ele, é possível notar que o envelhecimento nos possibilita uma maior sensibilidade ao despertar de sentimentos, assim como manifestá-los, seja chorar com intensidade, sorrir com facilidade, atingindo o mais alto nível de cada sentimento.

O clima de espanto toma de conta de todos os presentes, principalmente Zilda que estava preocupada pelo que os demais iriam pensar. Entreolhavam-se vitoriosos como se fosse responsabilidade de Zilda toda aquela má educação expressada pela protagonista, como se ela não a tivesse educado. A fim de que demonstrasse espanto como os demais, Zilda indaga: “Ultimamente ela deu pra cuspir, terminou então confessando contrita para todos” (LISPECTOR, 2009, p. 61). Incluindo-se no grupo dos que estavam a fitar a senhora de forma a insinuar que ela estava fora de si, como se fosse consequência da velhice.

Após cuspir no chão, dona Anita volta a seu momento de neutralidade, observando novamente o comportamento de seus familiares, alimentando seu repúdio.

Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Os meninos, embora crescidos provavelmente já além dos cinquenta anos, que sei eu! Os meninos ainda conservavam os traços bonitinhos. Mas que mulheres haviam escolhido! E que mulheres os netos ainda mais fracos e mais azedos haviam escolhido. Todas vaidosas e de pernas finas, com aqueles colares falsificados de mulher que na hora não aguenta a mão, aquelas mulherezinhas que casavam mal os filhos, que não sabiam pôr uma criada em seu lugar, e todas elas com as orelhas cheias de brincos nenhum, nenhum de ouro! A raiva a sufocava (LISPECTOR, 2009, p. 61).

O incômodo a fez explodir em meio a tanta falsidade, como os objetos de adorno das noras eram falsificados, assim todos os demais, sendo incapazes de produzir algo de verdadeiro, autêntico. Sua cólera crescia como uma erva daninha. A crescente raiva da personagem marcou a mais alta explosão de congruência da trama, momento esse relacionado ao vivido pela senhora de oitenta e nove anos. Para Rogers (1992) “todo indivíduo existe num mundo de experiências em constante mutação, do qual ele é o centro. Todo organismo reage ao campo de maneira como este é experimentado e percebido. O campo perceptivo é, para o indivíduo, a realidade” (Rogers 1992, p. 550-551).

A fim de que pudesse relaxar de toda aquela carga de raiva, rancor que a sufocara, dona Anita pede um copo de vinho, que a levaria a mais intensa explosão de autenticidade, à proporção que esses sentimentos vão crescendo e tomando conta de todo o seu ser. “Me dá um copo de vinho! disse” (LISPECTOR, 2009, p. 61) dona Anita, causando um silêncio inesperado, paralisando as atividades de todos. Com croquete na boca e copo na mão imóvel, sem saber como proceder, sua neta lhe questiona sobre seu pedido, levando-a a explosão. “Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dá um copo de vinho, Dorothy! Ordenou”. (LISPECTOR, 2009, p. 62).

Com base no conceito de congruência de Rogers (1983), observamos que a senhora expressava com naturalidade e veracidade de seu real estado de ânimo quanto à realização daquela festa. Pela sua aparência e expressão corporal percebemos que a aniversariante não estava gostando daquele cenário. Como a forma que reagiu a ser questionada sobre o vinho, pondo para fora todo o seu descontentamento.

A explosão de dona Anita ao chamar a todos de “corja de maricas, cornos e vagabundas” demonstra com clareza o quão autêntica essa senhora estava sendo, desde os pensamentos até nos momentos que demonstrava frieza, amargura, raiva, rancor com a incongruência de todos os presentes. Sendo fruto de sua experiência, como aborda Rogers (1987)

A pessoa é capaz de escutar-se, de tomar consciência de seus estados psíquicos, quer negativos: desânimo, irritabilidade [...] quer positivos: ternura, satisfação, otimismo [...] é livre para viver subjetivamente os sentimentos como nela aparecem, e também livre de ser consciente de tais sentimentos. É sim capaz de viver plenamente as experiências de seu organismo, em vez de as excluir do campo da consciência (*apud* GOBBI, 2002, p. 32).

Rogers (1987), ao falar sobre a capacidade do indivíduo em escutar-se e sua tomada de consciência, faz referência aos estados psíquicos, sentimentos que se manifestam, de acordo com a vivência, cabendo ao indivíduo vivê-los ou não. Dona Anita em sua vivência, sua velhice, vive plenamente seus sentimentos manifestos com tamanha veracidade que causa rebulição na festa de aniversário, impactando a todos os presentes. Isso marca os altos e baixos sentimentos da personagem, como vimos no decorrer da análise, a personagem se mostra neutra em alguns momentos, em outros se encontra manifestando os sentimentos que nela surgem, seja no ato de partir o bolo, de cuspir no chão, de xingar a todos ou até mesmo em retornar ao seu estado de plenitude.

Após um momento de imobilidade, os familiares voltaram a se mover. Atenderam o desejo da senhora de querer um copo com vinho, dona Anita, já insatisfeita com tudo aquilo, vê sua neta Dorothy com um pequeno volume de vinho no copo. “Mas não só a aniversariante não explodiu com a miséria de vinho que Dorothy lhe dera como não mexeu no copo. Seu olhar estava fixo, silencioso. Como se nada tivesse acontecido” (LISPECTOR, 2009, p. 62). Quando a aniversariante se depara com o vinho que lhe é apresentado, com a “miseria de vinho” a velha em protesto não toca no copo, como forma de expressar o descontentamento com o volume do que lhe era servido, acentuando seu desgosto pela forma que é tratada.

Enquanto a protagonista retornava a sua postura neutra de antes, mantendo seu olhar fixo, como se nada tivesse acontecido, “todos se entreolharam pálidos, sorrindo cegamente, abstratos como se um cachorro tivesse feito pipi na sala. Com estoicismo, recomeçaram as vozes e risadas” (LISPECTOR, 2009, p. 62). O que significava que a festa estava por terminar.

Acenderam o resto das luzes para precipitar a tranquilidade da noite, as crianças começavam a brigar. Mas as luzes eram mais pálidas que a tensão pálida da tarde. E o crepúsculo de Copacabana, sem ceder, no entanto se alargava cada vez mais e penetrava pelas janelas como um peso (LISPECTOR, 2009, p. 63).

A noite se aproximava, a festa chegava ao fim com uma marca incomum as demais comemorações de aniversário, essa em que dona Anita mostrou o que era ser autêntico,

expondo seus sentimentos para a construção daquela cena ficcional. Dona Anita mostra que é possível ser congruente, independente de fase da vida em que esteja, ao contrário dos demais participantes, em especial, que mais se destacam no conto, José e Manoel, que a todo o momento provam de uma falsa, incongruente alegria.

2.3 A INCONGRUÊNCIA NA COMUNICAÇÃO DE JOSÉ E MANOEL

O comportamento autêntico da aniversariante contrapõe-se com o dos demais familiares, aqui destacamos a comunicação inautêntica de José e Manoel. O aspecto trabalhado por Rogers (1986) sobre a incongruência está baseado na inautenticidade.

A incongruência pode ser sentida como tensão, ansiedade ou, em circunstâncias mais extremas, como confusão interna. Um paciente internado em um hospital psiquiátrico que declara não saber onde está, em que hospital, qual a hora do dia, ou mesmo quem ele é, está exibindo um alto grau de incongruência. A discrepância entre a realidade externa e aquilo que ele está subjetivamente experienciando tornou-se tão grande que ele não é capaz de atuar (ROGERS, 1986, p. 228).

Apresentamos aqui as principais demonstrações de incongruência presente no conto, a fim de observarmos melhor as condições de inautenticidade do personagem José. Em todo o momento José tenta interagir com dona Anita a fim de conseguir que ela interagisse com eles, mas sem êxito. Como no momento em que adentram a habitação e faz alusão a idade da mãe, sendo reforçado por Manoel que o acompanha num movimento irreal.

— Oitenta e nove anos, sim senhor! disse José, filho mais velho agora que Jonga tinha morrido. Oitenta e nove anos, sim senhora! disse esfregando as mãos em admiração pública e como sinal imperceptível para todos. [...] § — Oitenta e nove anos!, ecoou Manoel que era sócio de José. É um brotinho!, disse espirituoso e nervoso, e todos riram, menos sua esposa (LISPECTOR, 2009, p. 54).

A falsa modéstia aplicada por José em exaltar a idade da mãe faz com que se torne perceptível sua tentativa forçada de querer que a senhora se manifestasse, mas, sem sucesso, ele continua a se esforçar. O mesmo que passa com seu sócio ao exaltar a idade de dona Anita através de uma comparação com um “brotinho”, mostrando traços de nervosismo, uma das características da inautenticidade.

É observável nesses personagens a incoerência tanto na comunicação, que se refere ao discurso solto e forçado para que o clima de tensão entre os convidados fosse quebrado, quanto ao comportamento, quando José e Manoel, nervosos, ansiosos, recorrem um ao outro

na tentativa de expressar suas emoções fielmente, mas como narrado não ocorre. Para Rogers (1986) “A pessoa não é capaz de expressar suas emoções e percepções reais em virtude do medo e de velhos hábitos de encobrimento [...] é possível que a pessoa tenha dificuldade em compreender o que os outros esperam dela” (ROGERS, 1986, p. 228). Essa conceitualização destaca bem o comportamento de José, que se vê pressionado a ter que discursar, responsabilidade que cabia a Jonga o filho falecido que segundo a narração de Lispector (2009) era o único que dona Anita aprovava. José encontra-se tenso, ansioso por não saber o que os demais esperavam dele, marcando a inautenticidade dessa personagem.

Lispector (2009) traz uma adjetivação sobre o posicionamento de José na tentativa de incitar a mãe para que interaja com os demais. “— Não senhor! respondeu José com falsa severidade, hoje não se fala em negócios! § — Está certo, está certo! recuou Manoel depressa, olhando rapidamente para sua mulher que de longe estendia um ouvido atento. § — Nada de negócios, gritou José, hoje é o dia da mãe!”(LISPECTOR, 2009, p. 57). A exposição do narrador onisciente põe explicitamente a condição da ação de José como “falsa serenidade”na demonstração de interação com os demais.

A todo momento observamos a tensão instalada nessas personagens, que, segundo Rogers (1986), marca traços de incongruência, havendo uma discrepância entre a tomada de consciência e a comunicação tanto de José, quanto de Manoel, demonstrando nervosismo excessivo devido à ansiedade em fazer com que dona Anita interagisse.

Observamos o momento da festa que está sendo dada por encerrada. E José manifesta sua incerteza, insegurança quanto a que palavras dizer nesse momento de despedida, procurando a todo o momento expressar-se da melhor forma, ficando nervoso e chegando até a mencionar a falta que seu irmão mais velho, Jonga, fazia nessas horas. Até porque, segundo a narração, ele tinha mais facilidade para os discursos devido à aprovação da senhora.

Mas não era nada disso, apenas o mal-estar da despedida, nunca se sabendo ao certo o que dizer, José esperando de si mesmo a perseverança e confiança a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha. Os outros aguardavam. Como Jonga fazia falta nessas horas – José enxugou a testa com o lenço – como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara, e isso dera a Jonga tanta segurança. [...]. § E de repente veio a frase: § - Até o ano que vem! disse José subitamente com malícia, encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! Até o ano que vem, hein?, repetiu com receio de não ser compreendido (LISPECTOR, 2009, p. 65).

No trecho reproduzido, como em todo o conto de Lispector, é notório os traços de incongruências dos personagens. José a todo o momento tenta demonstrar algo que não

condizia com seu comportamento. Conforme Rogers (1986), a pessoa que estiver sendo inautêntica apresentará certa tensão, ansiedade, em seu comportamento, em sua fala, chegando a apresentar em ocasiões de altos níveis de incongruência uma confusão interna, o que é possível observar no discurso de José, assim como no de Manoel, que a todo o momento reforça as colocações de José, sempre temendo uma exposição desnecessária.

Ao dar-se por encerrada a festa de aniversário de dona Anita, os familiares saem um a um. E assim fingiam uma cordialidade que não passava de um mascaramento do desejo de ir embora e alívio de estar nesse festejo apenas uma vez ao ano.

Adeus, até outro dia, precisamos nos ver. Apareçam, disseram rapidamente. Alguns conseguiram olhar nos olhos dos outros com uma cordialidade sem receio. Alguns abotoavam os casacos das crianças, olhando o céu à procura de um sinal do tempo. Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer aquela palavra a mais que palavra? eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto. Começaram a se separar, andando meio de costas, sem saber como se desligar dos parentes sem brusquidão (LISPECTOR, 2009, p. 66).

Neste antepenúltimo parágrafo do conto, notamos a “cordialidade” entre os participantes da festa. Visível pela confusão “[...] quando você não é capaz de escolher dentre os diferentes estímulos aos quais se acha exposto” (ROGERS, 1986, p. 228) que os personagens não sabiam ao certo como deveria agir, momento que “pedia para ser vivo”, mas na realidade “era morto” relacionando a inautenticidade. Relacionado o estar vivo com o momento em que realmente se sentiam verdadeiramente unidos por um sentimento de amor familiar, mas passara apenas de um momento de falsa cordialidade, amabilidade entre eles.

E por fim, resolveram se desligar uns dos outros a fim de que pudessem seguir seu caminho, José tenta pela última vez uma cordialidade que pensava ter conquistado.

Até o ano que vem! repetiu José a indireta feliz, acenando a mão com vigor efusivo, os cabelos ralos e brancos esvoaçavam. Ele estava era gordo, pensaram, precisava tomar cuidado com o coração. Até o ano que vem! gritou José eloquente e grande, e sua altura parecia desmorroneável. Mas as pessoas já afastadas não sabiam se deviam rir alto para ele ouvir ou se bastaria sorrir mesmo no escuro. Além de alguns pensarem que felizmente havia mais do que uma brincadeira na indireta e que só no próximo ano seriam obrigados a se encontrar diante do bolo aceso; enquanto que outros, já mais no escuro da rua, pensavam se a velha resistiria mais um ano ao nervoso e à impaciência de Zilda, mas eles sinceramente nada podiam fazer a respeito: "Pelo menos noventa anos", pensou melancólica a nora de Ipanema. "Para completar uma data bonita", pensou sonhadora (LISPECTOR, 2009, p. 66-67).

Quando José esforça-se para estabelecer uma harmonização familiar verdadeira, mesmo que forçada, ele passa a ser visto como um sonhador, porém, não consegue ser fiel aos seus sentimentos. Os que já se afastavam no escuro, seguindo seu caminho, ironizam a eloquência de José ao exclamar “até o ano que vem”, levando alguns personagens a pensar na possibilidade de haver esse próximo encontro, o qual seria dos noventa anos de dona Anita, criando um ambiente melancólico de reflexão sobre o futuro e sua abordagem baseada na incerteza.

Na presente análise, acompanhamos a personagem dona Anita na sua viagem subjetiva no dia em que completa 89 anos. A obra de Clarice Lispector, desliza-se num mar paisagístico em que o vai-e-vem das ondas, revela o drama existencial vivenciado pela personagem idosa, culminando numa tempestade no mar, uma explosão identitária. Cansada, angustiada, solitária e indignada pela forma de ser e agir dos seus familiares, em plena comemoração de sua existência, ela produz movimentos de recusa ao modo de ser tratada, e pelas relações de aparências que os familiares estabeleceram.

A personagem nos ensina a encarar a velhice de forma verdadeira e completa, propondo-nos uma reflexão sobre o idoso nos dias atuais, o idoso abandonado, semafeto, sem amor, sem respeito dos seus familiares, pode vivenciar no seu campo de experiência sentimentos de amargura, medo e angústia. No conto analisado, vimos que dona Anita não suportando a indiferença dos filhos, revela sua indignação e recusando a participar ativamente da festa de seu aniversário. Na trama, a idosa se angustia ao perceber que não cabe nos moldes subjetivos concebidos pelos padrões sociais. Marcada por conflitos que delimitam sua inserção na velhice, ela tenta agir com congruência para sensibilizar os filhos enquanto é tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho consistiu na análise do conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector (2009) sob a visão da Psicologia Humanista de Carl Rogers, norteadas pelos conceitos de congruência e incongruência. Realizamos exposições teóricas sobre este tema, evidenciando as manifestações de autenticidade na velhice, representada pela protagonista da trama, dona Anita. Senhora de oitenta e nove anos que vivencia o desafeto de seus filhos/ familiares em sua festa de aniversário. Por meio de tais considerações evidenciamos a insatisfação da personagem com tal situação e observamos a velhice como a fase da vida que há maior representatividade nas manifestações de autenticidade.

Abordamos as características ligadas ao idoso às manifestações de congruência, a fim de expor e desconstruir alguns estereótipos ligados à velhice. Não restringindo apenas a uma “[...] lenta degeneração, acompanhada de distúrbios menores da visão, de batimentos cardíacos, e coisas assim, informam-se que a parte física do que eu chamo ‘eu’ não vai durar para sempre” (ROGERS, 1983, p. 25), mas como uma fase da vida em que conseguimos a mais elevada possibilidade de sermos nós mesmos sem as máscaras que fomos condicionadas a construir no processo de socialização.

Observamos por meio dessa análise que o ser humano, enquanto organismo, tende ao crescimento, como também tende ao caos e à desordem. Esse fenômeno natural está carregado de uma complexidade que nos leva a refletir sobre o envelhecimento a ponto de passar a observá-lo, não só pelos estereótipos propagados sobre, mas como o mais alto nível de realização do ser humano. Como forma de alcançar o estado de autenticidade que nos é conferido quando criança e que, ao crescer, somos condicionados a mascarar o que sentimos, ocultar o verdadeiro eu.

Ao envelhecer retomamos aos poucos essa sensibilidade de permitir-nos sentir verdadeiramente os sentimentos que são despertados, ou seja, possibilitar a sermos (mais) autênticos. De acordo com sua experiência, Rogers (1983) descreve que seus

[...] últimos dez anos foram fascinantes – repletos de acontecimentos empolgantes. Fui capaz de me abrir a novas ideias, novos sentimentos, novas experiências, novos riscos. Descobri cada vez mais que estar vivo envolve riscos, significa agir com pouca certeza, significa compromisso com a vida. § Tudo isso traz mudanças e para mim o processo de mudança é a vida. Acho que se vivesse de modo estático, estável, pronto, seria um morto-vivo. Assim, aceito a confusão, a incerteza, o medo e os altos e baixos emocionais

porque são o preço que quero pagar para ter uma vida estimulante, fluente e perturbadora (ROGERS, 1983, p. 29).

Por meio da colocação trazida por Rogers (1983), concluímos que a abordagem ligada à velhice nos levar a refletir sobre a condição do idoso na sociedade de hoje, como também sua maior propensão a ser autêntico. Caracterizando uma fase da vida de maior fragilidade e sensibilidade em se deixar sentir verdadeiramente a essência do seu verdadeiro ser, levando-nos a rever a importância do idoso, com sua significativa fase no movimento em direção à auto realização.

Ao término do conto, Clarice constrói um desfecho que deixa uma grande incógnita referente à protagonista, no momento em que todos se despedem imaginando se estariam reunidos no próximo ano novamente para comemorar o aniversário de noventa anos de dona Anita, se a idosa resistiria mais um ano, em meio a toda aquela situação de solidão, abandono e desprezo.

Assim, esperamos que as explicações aqui apresentadas de cunho científico e literário possam servir para promover uma reflexão sobre a temática trabalhada. Por meio dessa análise, possamos trazer uma contribuição social para nossas vidas a fim de nos tornar pessoas melhores, mais humanas e que possamos aprender a valorizar o ser humano por aquilo que ele tem de mais positivo, o que tem de bom, o AMOR.

Este trabalho nos proporciona uma profunda reflexão sobre a importância do envelhecer, do idoso. E através dessa abordagem que, em momentos de profundas reflexões sobre o tema, escrevi um pequeno texto que tentei organizar na desorganização desse sentimento, incompreensível, sem estrutura, sem sentido os pensamentos que assim me foram surgindo. Pensamentos esses que trago como forma de “encerramento” deste trabalho, porque talvez, você, caro leitor, possa compreender essa incompreensão que me ocorreu.

Envelhecer vai além de uma simples aparência,
de um simples acúmulo de rugas,
além de problemas de memórias,
de esquecimento,
do abandono,
do preconceito.
Envelhecer deve ser visto como uma arte,
da qual fazemos parte,
é humano,

é natural.

Assim como é glorificante,

é especial.

O envelhecer rompe com as barreiras,

atravessa fronteiras,

é luta pelo viver.

O envelhecer é experiência,

é vivência é mais o que aprender.

O envelhecer pode parecer bobagem,

mas sem sacanagem.

É a fase de se viver.

É onde perdemos a **venda** da boca,

onde sai torta e rouca a voz do verdadeiro ser.

É nele que aparece,

e assim floresce o sentido do viver.

É nele que ninguém esconde o que se sente,

a alma clama clemente por expor sem vergonha de dizer.

Dentre todas as idades,

a idosa é a que sabe o que realmente é viver.

Se envelhecer é arte,

essa sim faz parte com orgulho do viver.

Idolescer⁵ como o diga, é a certeza, aguardando a natureza do verdadeiro ser.

Aguardo com ansiedade que possa chegar nessa idade para contar o que aprendi...

Porque velho assim me diz aquele que viveu pouco,

Onde no fundo vive morto com vontade de gritar,

Com angústia de levar uma vida reprimida,

A qual não tem mais vida nem sentido de viver.

Por isso posso dizer que sou feliz e assim vivo,

na minha velhice assim digo que feliz há de ser.

Mas pra isso tens que ter respeito ao idoso,

porque ele sabe o que o gozo da vida lhe oferta,

fazendo da vida uma peça onde possa atuar.

⁵Neologismo, de minha autoria, que tem por significação o movimento em direção a fase idosa. Ao envelhecimento. O processo em direção ao envelhecimento.

Entardecer e amar seguindo com a filosofia de viver e envelhecer.

Porque sem dúvidas posso dizer envelhecer é nascer novamente.

Interpretando o que se sente,

essa é a arte clemente de envelhecer.

C'ZAR, Kaio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, José Hélder Pinheiro; SILVA, Jéssica Amanda de Souza. As Representações do Idoso em Poemas Infantis. In: PINHEIRO-MARIZ, J. e LUNA, R. [Orgs]. **O Envelhecer é poético nas Letras**. Campina Grande, EDUFPG, 2014. p. 83-110.
- AMATUZZI, Mauro Martins. Humanismo e Psicologia. In: _____. **Por uma Psicologia Humana**. Campinas – SP, Alínea, 2008. p. 9-20.
- BERTO, Denise; CAVALCANTI, Ana Elizabeth. Grandes Ícones do conhecimento – Psicanálise. Carl Rogers/Rollo May/ Abraham Maslow. Os intelectuais que definiram o pensamento ocidental. Carl Rogers, **o Humanista**. São Paulo. Mythos Editora. p. 4-19. 2014.
- BRANDINI, Laura Taddei; BARBOSA, Jaine de Sousa; GONÇALVES, Jéssica Pereira. A Velhice nos Contos de Moacyr Scliar: Diferentes Constatações sobre o Envelhecimento Humano. In: PINHEIRO-MARIZ, J. e LUNA, R. [Orgs]. **O Envelhecer é poético nas Letras**. Campina Grande, EDUFPG, 2014. p. 57-82.
- CHEBALIER, Jean. **Dicionário dos Símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 28ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2015.
- FADIMAN, James. Carl Rogers e a Perspectiva Centrada no Cliente. In: FADIMAN, J. e FRAGER, R. **Teorias da Personalidade**. São Paulo. HARBRA, 1986. p. 222-235.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice: Uma Vida que se Conta**. 6ª ed. São Paulo, Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da Personalidade**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2000.
- LIMA-COSTA, Maria Fernanda F. de; FIRMO, Josélia O. A.; UCHÔA, Elizabeth. Envelhecimento e Saúde: Experiência e Construção Cultural. In: MINAYO, M. C. de S. e COIMBRA Jr, C. E. A. [Orgs.] **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro. Editora FIOCRUZ, 2002. p. 25-36.
- LISPECTOR, Clarice. Feliz Aniversário. In: _____. **Laços de Família: Contos**. Rio de Janeiro. Rocco, 2009. P. 54-67
- MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. de S. e COIMBRA Jr, C. E. A. [Orgs.] **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro. Editora FIOCRUZ, 2002. P. 37-50.
- REVISTA CULT. **Dossiê: Clarice Lispector Rara e Inédita**. São Paulo. n. 229. nov., 2017. Suplemento mensal, 18.
- ROGERS, Carl R. **Um Jeito de Ser**. São Paulo, E.P.U. – Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1983.
- ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa**. 5ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

SILVA, Suênio Stevenson; CARNEIRO, Jessica Torquato. A Figura do Anciãos Contos The Tell-Tale Heart e The Man of the Crowd, de Edgar Allan Poe. In: PINHEIRO-MARIZ, J. e LUNA, R. [Orgs]. **O Envelhecer é poético nas Letras**. Campina Grande, EDUFPG, 2014. P. 111-126.

SITES

AMORIM, Benjamim da Silva. **A Psicopedagogia e a Abordagem Centrada na Pessoa**. In: Psicologado.com.br. Ed. 03/2013. Disponível em:<<https://psicologado.com.br/abordagens/centrada-na-pessoa/a-psicopedagogia-e-a-abordagem-centrada-na-pessoa>>. Acessado em 20 de mai de 2018.

Biografia: Carl Rogers. In: Portal São Francisco. Disponível em:<<https://www.portalsaofrancisco.com.br/biografias/carl-rogers>>. Acessado em 01 de abr de 2018.

FABER, Marcos Emílio Ekman. **Pensamento Humanista: Teocentrismo x Antropocentrismo**. In: História Livre. Disponível em:<<http://www.historialivre.com/moderna/humanismo1.htm>>. Acessado em 02 de mai de 2018.

FERRARI, Márcio. **Carl Rogers, um psicólogo a serviço do estudante**. In: Novaescola.com.br. Disponível em:<<https://novaescola.org.br/conteudo/1453/carl-rogers-um-psicologo-a-servico-do-estudante>>. Acessado em 20 de abr de 2018.

FRAZÃO, Dilva. **Carl Rogers: Psicólogo Norte-Americano**. In: Ebiografia. Disponível em:<https://www.ebiografia.com/carl_rogers/>. Acessado em 20 de mai de 2018.

NOGUEIRA JR, Arnaldo. **Clarice Lispector**. Releituras.com. Disponível em:<http://www.releituras.com/clispector_bio.asp>. Acessado em 15 de mai de 2018.